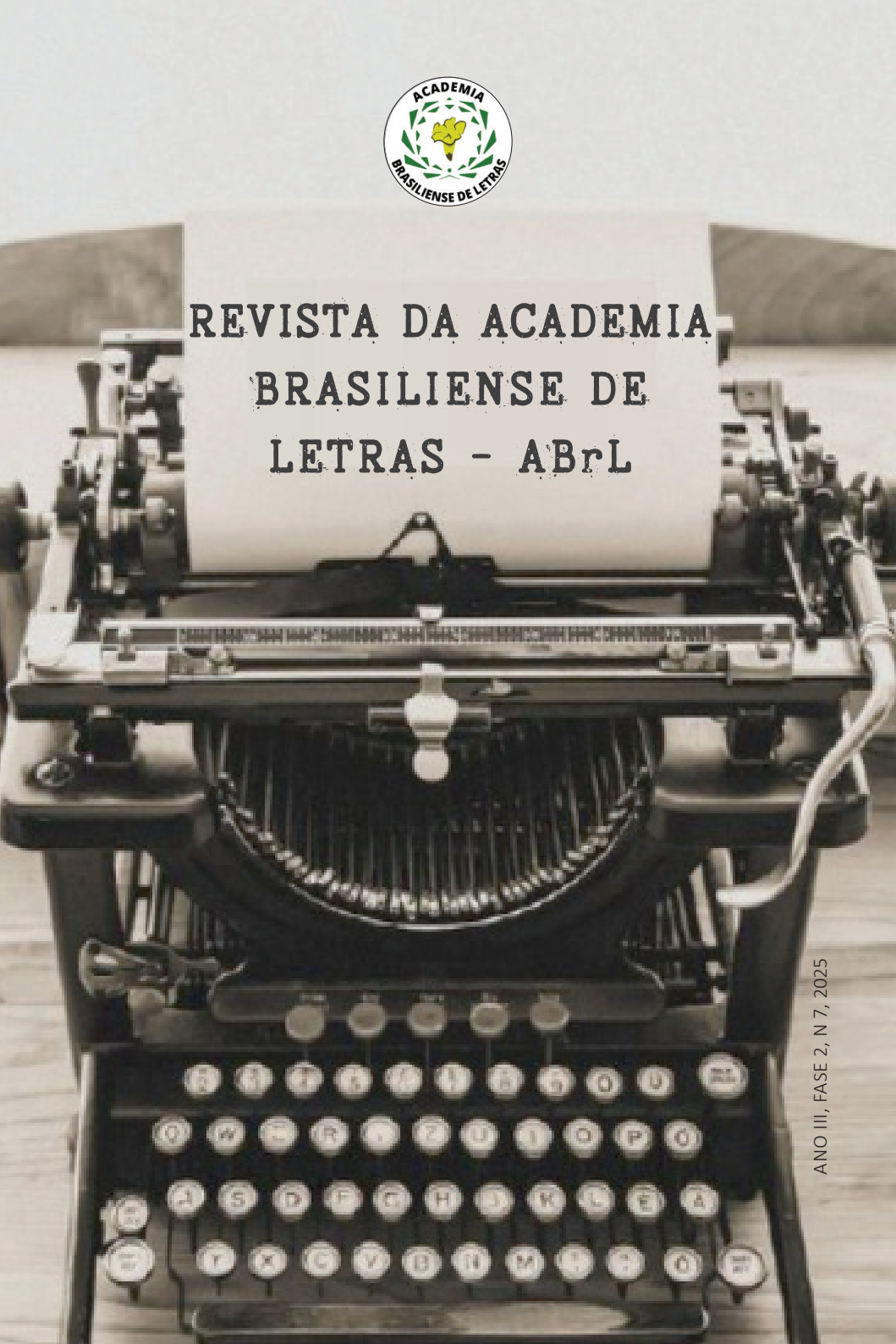

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

ANO III, FASE 2, N 7, 2025

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

ANO III, FASE 2 , Nº 7 – 2025

Presidente
Fabio de Sousa Coutinho

Vice-Presidente
Roberto Rosas

Secretário Geral
Edmílson Caminha

1º Secretário
Ronaldo Costa Fernandes

2° Secretário
Danilo Gomes

Tesoureiro
Afonso Ligório

Comissão de Contas
Anderson Braga Horta e Napoleão Valadares

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. Printed in Brazil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

POESIA

Poemas de Astrid Cabral

Carrossel dos dias 8
Sendas de rugas 9
Coração em arco-íris 10
Boca 11
Crepúsculo 12
Vizinhança 13

HOMENAGENS

Sete Vezes Miriam 16
Antonio Carlos Secchin

Frei Caneca: militância com a cruz e a pena 29
Dom Raymundo Damasceno Assis

ARTIGOS E RESENHAS

O Espírito de Rio Branco 38
Carlos Henrique Cardim

Quarteto arcaico: uma jornada poética
de Anderson Braga Horta 45
Vicente Freitas Liot

ORAÇÕES ACADEMICAS

Recepção de Edmílson Caminha
a Vera Lúcia de Oliveira 74

Discurso de posse de Vera Lúcia de Oliveira 82

Recepção de Anderson Braga Horta
a Raul de Taunay 91

Discurso de posse de Raul de Taunay..... 104

Recepção de Roberto Rosas
a Gilmar Ferreira Mendes 117

Discurso de Posse Gilmar Ferreira Mendes 120

QUADRO ACADÊMICO E PATRONOS 133

APRESENTAÇÃO

A presente edição da Revista da Academia Brasiliense de Letras - ABrL oferece a seus leitores um valioso percurso por diversos gêneros literários.

Às vésperas dos 90 anos, Astrid Cabral é celebrada com meia dúzia de seus poemas, todos extraídos da seleção feita pela própria poeta para o livro **50 poemas escolhidos pelo autor**.

A grande poesia brasileira é ainda objeto de nossa reverência, com a publicação de importante ensaio de Vicente Freitas Liot sobre a obra de Anderson Braga Horta, a partir da página 45.

A Revista acolhe, também, as belas orações acadêmicas de Antonio Carlos Secchin, saudando Miriam Leitão na ABL, e de nosso confrade Dom Raymundo Damasceno Assis, por ocasião de seu ingresso no IHG-DF. No âmbito da própria ABrL, os discursos de recepção e posse de 3 novos confrades, em ano de dolorosas partidas e jubilosas chegadas que marcaram a Casa de Hermes Lima.

Especial registro merece a colaboração do confrade Carlos Henrique Cardim, que cuidou da participação do Barão de Rio Branco em passagem de alta pertinência para a história diplomática do Brasil.

Ao encerrar-se o ano de 2025, é particularmente auspicioso fazê-lo com a edição do sétimo número da Revista da

ABrL, em sua fase digital, renovando a confiança na vocação cultural da Academia, a caminho dos 60 anos de sua fundação.

Boa leitura a todos!

Brasília, DF, 8 de dezembro de 2025

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente da ABrL


POESIA

CARROSSEL DOS DIAS

Gire o carrossel dos dias
no vasto o eixo do mundo.
No fundo continuamos criança
pois a distância é pequena
dentro da eternidade imensa.

Gire o carrossel dos dias
afugentando sombrias visões.
Reverdecerão os ramos mutilados
sob o pranto de outras chuvas.
Novas aves romperão dos ovos
contra o cemitério das penas.

Gire o carrossel dos dias
trazendo novas miragens.
Nas nascentes das pálpebras
sequem-se os olhos d'água
pois a alma pede brinquedo
com medo de estáticas mágoas!

SENDAS DE RUGAS

A insônia e o sono
habitam o rosto dessas mulheres
de sorrisos maculados de metais.
Elas caminham para a morte
pelas sendas de suas rugas
e cobrem os seios lassos
não de tecidos grossos
mas de restos de sonhos.
Da memória de outros dias
elas se nutrem e não
das carnes que temperam
com cebolas.

Poemas de Astrid Cabral

CORAÇÃO EM ARCO-ÍRIS

Arco-íris o coração se abre
em leque de nuanças emoções:
roxa saudade a se fundir no rubro
de ruivas raivas de impotência
ou a se perder no manso azul
de sereníssimas indiferenças
cerúleo sossego das certezas
a se desmancharem por campinas
verdes fluidas de esperanças
matizes da vida fiada em sonho
a se iluminarem de amarela solar
alegria até se coroar no tenso
laranja de sumarenta euforia
a se adensar no rumo das veias
onde a paixão encarnada se faz
sangria ou se turva na melancolia
sempre em chuva-choro latente
ou iminente nos céus interiores
do coração em perpétuo arco-íris.

BOCA

Boca
livre trânsito
de vocábulos e aves
fruições e frutos.
Boca
sede de gozo e poder
pombos lhe pousam
entre os dentes ávidos
pêssegos se imolam
cindindo-lhes os lábios.
Boca
sítio de martírio
se a contragosto
de fome se fecha
ou em pânico se cala
atrás de uma mordaça.

CREPÚSCULO

Por que esta ânsia de sobreviver
assim se amoita no âmago de mim
sempre que as lerdas pálpebras da noite
baixam nas altas ramas com os morcegos?
Por que o poente assim me abala o eixo
e de fúnebre pompa alma me embrulha
tal qual mortalha um pouco prematura?
Por que me pesa suportar as trevas
que o implacável fim do dia instaura
quando já estagiei em precipícios
saltando trampolins perto de abismos?
Por que morrer me assusta e paralisa
se o que temo perder, de longe sei
nada tem de eldorado ou paraíso?

VIZINHANÇA

Ao tocares o troféu
logo o brilho se azinhavra.
Sequestrasses uma estrela
e terias entre os dedos
um arcabouço de lata.
Tira do castelo o amado
perderá coroa e cetro.
Melhor deixar o troféu
nas prateleiras do Olimpo.
Fique a estrela na galáxia.
Em nuvens se hospede o amado.
Qualquer vizinhança avilta
e apodrece os objetos.
Com o divino, o longínquo
tem parte. Só o impossível
partilha hálito celeste.


HOMENAGENS

SETE VEZES MIRIAM

Antonio Carlos Secchin

Há exatos 26 426 dias, um anjo maroto, desses que vivem em Minas, disse à recém-nascida: "Vai, Miriam, pintar o sete na vida". Ela, a sexta dos 12 filhos de Uriel e Mariana, deve ter estranhado a lógica de um anjo pedindo diabruras, e tratou, então, de pintar o sete de outro modo: adotar o número, ou ser por ele adotada, enchê-lo de brilho, iluminá-lo para que ele fulgurasse em sua vida.

Como talvez alguns saibam, não sou muito atento a números, mas às vezes eles se impõem.

Senão, vejamos: Miriam nasceu em Caratinga num 7 de abril, que, não por acaso, é o Dia Nacional do Jornalista. Mãe de Vladimir e de Matheus, com "th", para que o nome contivesse 7 letras, e nascido em...77. A mulher que a antecedeu na cadeira, Dinah Silveira de Queirós, foi sua sétima ocupante e tomou posse, em 1981, exatamente no mesmo dia, 7 de abril, do nascimento de Miriam. A nova acadêmica obteve votos de 21 acadêmicos (3 vezes 7), e, como os senhores talvez já estejam desconfiando, foi eleita para a cadeira de número 7. Ainda bem que não esperou chegar aos 77 anos para se candidatar à Academia. Portanto, a cerimônia desta noite apenas reitera que ela conseguiu pintar o 7 de maneira irretocável.

A cadeira, cujos ocupantes terão daqui a pouco suas trajetórias belamente descritas por Miriam, é, como todas as outras 39, saudavelmente plural, o que não impede que vislum-

bremos em alguns de seus integrantes um traço unificador: a preocupação com as injustiças sociais do país.

É o caso do patrono Castro Alves, que, além do constante combate à escravização dos povos de origem africana, pedia "livros, livros à mão cheia" e valorizava o papel da imprensa como instrumento de formação da cidadania.

É também o caso do segundo ocupante, Euclides da Cunha, na denúncia da inaceitável disparidade entre o norte e o sul do país, e entre o litoral e o interior, conforme denunciou na epopeia de *Os Sertões*, de 1902.

É o caso dos dois antecessores imediatos de Miriam Leitão, os cineastas Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues, intérpretes do Brasil pela via das imagens, em obras clássicas como *Vidas secas* (1963), de Nelson, e *Bye bye, Brasil* (1979), de Cacá.

A unir todos eles, a especial atenção concedida à grande parcela da população brasileira constituída pelos marginalizados, pelos excluídos, pelos silenciados, cujo direito à voz corresponde a um imperativo ético e a uma constante demanda de reparação histórica.

A esse elenco de intérpretes atentos à realidade, aos sonhos e aos impasses do país se integra Miriam Leitão, com seu olhar ao mesmo tempo crítico e esperançoso.

Publicou 16 livros. Na imprensa, chegou aproximadamente ao portentoso número de 16 mil artigos Em seu sítio mineiro, plantou 32 mil mudas.. Temos, portanto, a média de duas mudas para cada fala, palavras e plantas reveladoras da escritora e da ambientalista, que marcaram encontro em dezenas de textos.

Essa mineira quase capixaba iniciou a carreira jornalística em Vitória. De quase em quase, aliás, observe-se que o Estado do Espírito Santo continua virgem de representação ao longo dos 128 anos da ABL, a despeito da qualidade literária de um Rubem Braga, de um José Carlos Oliveira.

Em Vitória, uma das primeiras matérias da jovem repórter consistiu numa entrevista com Dona Rosa, considerada uma "vidente oficial da cidade".

Uma cartomante não é obrigada a acertar; sua função é apenas profetizar, o que já acende alguma esperança em corações desamparados. Como sabemos, as cartas não mentem de vez em quando; porque, em geral, mentem bastante. Porém não foi o que sucedeu, pois Dona Rosa declarou: "Tu és braba. Mas só da boca pra fora. Lá dentro é boa de fazer dó". Braba...? Será que os entrevistados televisivos de Miriam concordam com Dona Rosa?

No que respeita à exposição de dados biográficos, e para valer-me do termo de sua especialidade, direi que Miriam é bastante econômica. Nas escassas 20 linhas das orelhas de livros, ela costuma reportar apenas sua naturalidade, os principais títulos e prêmios, e arremata com a nomeação da família. Espaço exíguo, mas onde cabe por inteiro o afeto a Sérgio Abranches, Vladimir, Matheus, Rodrigo, Mariana, Daniel, Manuela e Isabel.

Assim, ficamos nós sem saber que Miriam gosta da madrugada e do silêncio, ocasião e ambiente propícios para a leitura e para a escrita. Gosta das águas, herança/lembrança dos poderes da mãe, mulher que adivinhava as tempestades. Ficamos sem saber de seu retorno ao Rio de Janeiro, como

colaboradora da coluna do Zózimo, no *Jornal do Brasil*. Tampouco somos informados de uma demissão injusta, que lhe causou enorme sofrimento e, em sentido oposto, também não ficamos cientes da acolhida e da importância de Zuenir Ventura na consolidação de sua vida profissional.

Se Drummond escreveu o "Poema de sete faces", é válido, na esteira do poeta, falarmos das sete faces de Miriam Leitão: a jornalista, a ficcionista, a autora de livros infantis, a feminista, a repórter, a cronista, a ambientalista. Seu extraordinário sucesso como jornalista – a ´ponto de ter recebido o Prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade Columbia – não nos deve levar à desconsideração de sua excelência em outros domínios.

Podemos dividir sua produção em dois grandes compartimentos: o da ficção e o da não ficção. Ambos, por sua vez, se subdividem.

Ficção para público infanto-juvenil, com oito títulos, e, para público adulto, com o romance *Tempos extremos.*

A não ficção alterna obras compostas por seleção de colunas, por reportagens ou por ensaios.

Para quem escreve desde cedo, a estreia em livro foi relativamente tardia: o ano é o de 2010, no volume intitulado *Convém sonhar*. Suas 502 páginas reúnem textos publicados a partir de 1991, distribuídos em 10 seções.

Não é casual que alguém tão afeito à realidade concreta tenha incluído no título da obra o verbo "sonhar": Miriam sonha, sim, mas com olhos abertíssimos. A coletânea estampa alguns de seus temas prediletos: além da economia, a política,

o meio-ambiente, a situação da mulher, o combate ao racismo, a literatura, o afeto da família.

Convém sonhar se abre com dedicatória à memória dos pais: ela, professora da rede pública, ele, pastor presbiteriano e educador. A penúltima e a última crônica recordam as figuras de Mariana e Uriel. Atam-se desse modo a página inicial e as páginas finais, pela comum presença, nelas, da mãe e do pai.

A defesa da democracia é veemente, conforme lemos em "O mal absoluto", coluna datada – não por acaso – de 31 de março de 2004, quadragésimo aniversário do golpe militar:

"Não há lado bom no regime que foi instalado pela força /.../ e tomou do Brasil 21 anos. O custo econômico foi astronômico e as escolhas, erradas. O arbítrio é um mal absoluto. Que as futuras gerações jamais se esqueçam disso.".

No mesmo diapasão claro e incisivo, marca de seu inconfundível estilo, podemos colher trechos de um discurso afirmativamente ambientalista, antirracista e feminista:

"[A Terra] pode continuar vagando no espaço sem oxigênio; ela pode rodar em torno de si mesma/.../ sem gelo, sem floresta, sem água, sem vida. A ameaça está sobre nós./.../Sejamos apenas práticos; não se destrói a única casa na qual se pode morar".

"Ninguém proíbe que negros frequentem restaurantes finos ou lojas elegantes, mas a clientela nem se dá conta da anomalia que é ser assim tão monocromática num país multirracial".

"Eu gosto de ser mulher. Gosto de batom, salto alto e meia fina./.../ Discordo dos mitos tratados como fatos, como `mulher é sentimento e homem é razão´. /.../razão e senti-

mento [são] atributos do ser humano. Fico espantada com a facilidade com que tantas mulheres abrem mão, ainda hoje, da identidade e do nome próprio".

No ano seguinte, 2011, lança seu primeiro livro-reportagem: *Saga brasileira* – A longa luta de um povo por sua moeda.

A obra foi ganhadora do grande Prêmio Jabuti de Livro do Ano, categoria não ficção.

Observemos as pontas deste e de outros livros de Miriam, ou seja: o espaço inicial das epígrafes, dedicatórias, e os agradecimentos finais. As extremidades muito revelam o centro de afetos da escritora. O volume é dedicado aos filhos – a família sempre ocupa lugar de destaque; a epígrafe é de Cecília Meireles, demonstrando o apego e o apreço de Miriam à poesia; e na conclusão os agradecimentos se estendem por cinco longas e generosas páginas, para que ninguém fosse omitido do grupo de interlocutores que com ela colaboraram no desafio de apresentar a saga da moeda brasileira na criação do real, desde os antecedentes frustrados até a vitória do novo plano. Em nota introdutória, sabiamente, Miriam declara: "[A estabilidade monetária] jamais será um fim em si mesma, mas o ponto a partir do qual o país constrói seu futuro".

É exatamente sobre tal país em construção que se debruça o livro seguinte: *História do futuro* (2015) – não, evidentemente, segundo as cartas ou a bola de cristal, mas por meio de propostas embasadas em reportagens, reflexões e entrevistas, num espectro de ampla abrangência: saúde, meio-ambiente, tecnologia, espaço urbano. Miriam desenvolve uma visada prospectiva, bem diversa da urgência da coluna diária. Se atentarmos outra vez para as partes extremas da obra, lá

estarão: a dedicatória, agora ao marido Sérgio Abranches; extensas três páginas de agradecimentos; e a epígrafe poética, desta feita com versos de T.S.Eliot: "O tempo presente e o tempo passado/ Estão ambos, talvez, presentes no tempo futuro."

Mas "o presente é tão grande, não nos afastemos,/ não nos afastemos muito", diria um poeta. E é da cena contemporânea que se ocupam as duas obras subsequentes: *A verdade é teimosa*, 2017, e *A democracia na armadilha*, 2021. Ambas constituídas por uma seleta de colunas relativas, respectivamente, ao processo que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff , e ao esgarçamento do tecido democrático na presidência de Jair Bolsonaro.

No primeiro, ela aponta as falhas na condução da economia brasileira. Registra: "Não há governo que pare em pé quando o governante provoca grave crise econômica. /.../Aprendemos da forma mais dura que não vale a pena contrariar a verdade. Ela é teimosa".

Em *A democracia na armadilha*, o subtítulo é revelador: crônicas do desgoverno. Miriam lançou um olhar minucioso na detecção e no exame das ameaças de ruptura da ordem democrática, ameaças que, infelizmente, continuam a nos rondar. Daí o seu alerta: "Seria preciso olhar para o futuro e fortalecer as bases do pacto civilizatório feito ao fim da ditadura militar. A preciosa democracia, dolorosamente conquistada, será mais forte quanto mais avançarmos no sonho de reduzir as nossas profundas desigualdades".

Miriam foi fortemente criticada, tanto pela esquerda, quanto ao livro de 2017, quanto pela extrema-direita, pelo livro de 2021. Isso, a meu ver, se constitui, indiretamente, num

grande elogio à jornalista, que, desagradando aos dois lados, comprova a independência do seu pensamento.

É de 2023 *Amazônia na encruzilhada* – o poder da destruição e o tempo das possibilidades. Mais um livro-reportagem, envolvendo pesquisa, entrevistas com cientistas e líderes indígenas, viagens *in loco* pré e pós pandemia, a última delas feita expressamente para servir de base a um documentário. Esteve na Amazônia com o fotógrafo Sebastião Salgado, que registrou uma imagem em que ela praticamente se funde à paisagem, vegetal e vertical como um tronco.

Esse livro rendeu a Miriam, em 2024, o prestigioso Troféu Juca Pato, da União Brasileira de Escritores. Aliás, das seis últimas atribuições do prêmio, nada menos do que três contemplaram membros da ABL Além de Miriam, ganharam o Troféu: Ignacio de Loyola Brandão, em 2019, e Ailton Krenak, em 2020.

Na cerimônia de premiação, Miriam voltou a evocar a família, na figura da querida irmã Beth, falecida meses antes, no mesmo passo em que celebrou a força transformadora dos livros.

No campo da ficção, avulta a vertente da literatura infantil, integrada, como dissemos, por oito títulos. Do inaugural, de 2013, *A perigosa vida dos passarinhos pequenos*, ao recentíssimo, de 2025, *Lulli, a gata aventureira*, atravessam sua obra questões cruciais, que demandam delicadeza de trato. A superação do preconceito racial, em *Flávia e o bolo de chocolate*. A importância da ancestralidade, em *As aventuras do tempo*. O domínio das palavras, em *A menina do nome enfeitado*. O estresse urbano em *O estranho caso do sono perdido*. A

indagação sobre o que vem após a vida, em *O mistério do pau oco*. A convivência pacífica de etnias diversas, em *O menino que conhecia o fim da noite*.

Em alguma medida, tais livros comportam traços autobiográficos. *A perigosa vida dos passarinhos pequenos*, dedicado aos netos, narra as etapas de reflorestamento do sítio mineiro de Miriam, numa iniciativa que trouxe de volta, gradativamente, seus habitantes alados, com o registro de 156 espécies de aves.

A escritora é tia-avó de Lulli, portadora da síndrome do *Cri-du-chat*, que, tornando a menina especial, nem por isso a tornou menos amada, com suas etapas de desenvolvimento regidas por um ritmo diferente do de outras crianças.

Na ficção adulta, seu romance *Tempos extremos* foi finalista do Prêmio São Paulo 2014. Num clima de opressão, a narrativa mescla temporalidades, ao aproximar os traumas gerados pela ditadura militar aos dramas das assombrações de escravizados, tendo como ponto de partida uma reunião familiar numa velha fazenda de Minas. Para o crítico José Castello, trata-se de "Um romance /.../ escrito com leveza, que caminha na direção oposta à do áspero noticiário econômico que Miriam é levada a manipular em seu cotidiano".

Há nesse livro uma epígrafe de Vargas Llosa: "Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a dura dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e fantasia de desejar outras mil", citação que poderia igualmente ter aberto a posterior coletânea de crônicas *Refúgio no sábado*, de 2018.

Trata-se de um conjunto de textos descompromissados com o "áspero noticiário econômico", e representa, na obra de Miriam, uma sedutora ilha de devaneios situada para além do continente da contingência. Crônicas criadas nos fins de semana, para o *blog* do filho, não para a coluna do jornal.

De propósito , não incluí esse livro nem na rubrica de ficção, nem na de não ficção. Autoficção, talvez, no território próprio da crônica literária, onde o "eu", recalcado em outras produções, agora avulta, soberano, na fronteira flutuante entre o peso da realidade e a leveza da pura imaginação.

Nada menos do que 99 das 102 crônicas são escritas na primeira pessoa do singular. Quando indaguei a Miriam quem seria o misterioso personagem anônimo de "O caderno japonês", raro relato sem as marcas da primeira pessoa, ela me respondeu: "Também sou eu, só que disfarçada em terceira pessoa".

Para nosso deleite, cito algumas frases extraídas do livro, demonstrativas da qualificada fatura desses textos.

Às vezes as crônicas se iniciam de maneira assemelhada a um conto ou romance:

"O passado me olhou de longe, quando cheguei para pegar o trem da Central"

Ou:

"Era branco o cavalo que ficava parado na frente da casa em que minha irmã, Ana, se abrigara com sua tristeza".

São especialmente bem construídas as considerações acerca da literatura, da criação e da leitura. Exemplos:

"É sempre bom duvidar da ficção, ela pode ser uma verdade escondida".

"Escrivatura. Essa foi a palavra que inventei para esse ato [da criação] que pede /.../ a paixão do ofício e a disposição de servir a um senhor caprichoso e detalhista".

"Entrarei no livro como quem abre uma porta para uma enorme morada, há muito esperada, e atravessa corredores, descobre cantos e recantos, esconde-se nos umbrais, debruça-se sobre janelas".

"Ouvi o silêncio e o que ele me disse foi devastador. O silêncio é pior do que as palavras duras, porque é possível instalar nele todos os medos".

Sobre a poesia, uma reflexão lapidar:

"Quando um poeta morre as palavras ficam órfãs".

Do mesmo modo, eu diria que o poeta é um órfão diante das palavras ausentes da folha em branco, até que elas venham acudir em seu socorro.

Noutro passo, ela declara: "A dúvida é mais permanente que a certeza".

Disso não tenho dúvida. Como também estou certo de que é primorosa a crônica "Dias espessos", que assim começa:

"Acordei neste sábado como se parte de mim tivesse ficado presa aos dias anteriores. Como se, por alguma mutação da matéria, a velocidade da viagem no tempo fosse diferente para cada pedaço do meu corpo".

Façamos, então, uma viagem no tempo, em busca do corpo perdido. Regressemos à cidade de Vitória, nos primeiros anos da década de 1970. Neste momento, Miriam está acabando de deixar a casa de Dona Rosa.

Se a vidente acertou em alguns vaticínios, num outro falhou, ao não prever o futuro próximo da jornalista: em dezembro de 72, Míriam seria capturada pelos agentes da ditadura.

Ela atuava no movimento estudantil, desarmada, pichando muros, distribuindo folhetos contra o regime militar. Aos 19 anos, grávida do primeiro filho, Vladimir, foi presa, fichada e torturada.

Sentiu no corpo a iminência da morte.

Em 2017, Matheus Leitão narrou a história da prisão e da tortura de Miriam e de seu companheiro Marcelo, na obra *Em nome dos pais*. Após o fim da história, Miriam acrescentou um comovente texto de agradecimento ao filho. É seu único poema até hoje publicado em livro:

"o mundo /.../ era trágico e belo/ como uma paisagem perfeita depois do despenhadeiro./ Eu quis andar sobre as águas/ e assim me afastar do que me aprisionava".

Por longo período ela conservou para si, em silêncio, a dor do arbítrio e do inferno, até decidir torná-la pública numa corajosa entrevista em 2014.

Ouçamos um trecho de seu depoimento:

"Fiquei 48 horas sem comer. Eu entrei no quartel com 50 kg de peso, saí três meses depois pesando 39 kg. Eu cheguei lá com um mês de gravidez, e tinha enormes chances de perder meu bebê.

Um dia achei que iria morrer. Entraram no meio da noite na cela do forte para onde eu fui levada após esses dois dias. Falaram que seria o último passeio e me levaram para um lugar escuro, no pátio do quartel, para simular um fuzilamento. Vi minha sombra refletida na parede branca do forte, a som-

bra de um corpo mirrado, uma menina de apenas 19 anos. Vi minha sombra projetada cercada de cães e fuzis, e pensei: `Eu sou muito nova para morrer.´.

O que eu sei é que mantive a promessa que me fiz, naquela noite em que vi minha sombra projetada na parede, antes do fuzilamento simulado. Eu sabia que era muito nova para morrer. Sei que outros presos viveram coisas piores e nem acho minha história importante. Mas foi o meu inferno. Tive sorte comparado a tantos outros.

Minha vingança foi sobreviver e vencer".

Miriam, você sobreviveu e venceu.

Dona Rosa, desculpe, mas a senhora não conseguiu enxergar muito longe. Não anteviu a celebração da vida contra a treva e o terror, aqui, aos 8 dias do mês de agosto de 2025.

Noite de consagração e de congraçamento, no júbilo da Academia ao receber e abraçar Miriam Leitão.

Portanto, neste momento, eu assumo a função de profeta, e prevejo que, agora unidas, a Casa de Machado e Miriam Leitão serão felizes para sempre.

Obrigado.

DOM RAYMUNDO CARDEAL DAMASCENO ASSIS
ARCEBISPO EMÉRITO DE APARECIDA – SP

Brasília-DF, 26 de março de 2025

FREI CANECA: MILITÂNCIA COM A CRUZ E A PENA

Ilustrissimos Srs. Acadêmicos e Sras. Academicas deste Egregio Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal;
Digníssimos Sr. Presidente, Dr. Paulo Casttelo Branco, e Sr. Secretário Geral, Prof. Dr. Hugo Studart;
Excelência Reverendíssima, Dom Giambattista Diquattro, Núncio Apostólico no Brasil;
Excelência Reverendíssima, Dom Denilson Geraldo, Bispo Auxiliar da Arquiocese de Brasília;
Prezados Sacerdotes, religiosos(as);
Demais Autoridades presentes;
Caríssimos amigos e amigas que me honram com suas presenças, nesta solenidade;
Senhoras e Senhores;

Prezado Sr. Dr. José Theodoro Menck, membro deste Instituto a quem agradeço cordialmente as palavras de Boas-Vindas e acolhida. Muito grato pela sua bondade e generosidade.

Foi-me dada a elevada honra de ser eleito para a cadeira número 102 deste Instituto, cujo patrono é Frei Caneca. Por

tal motivo aqui exprimo meus agradecimentos. O clero da Arquidiocese de Brasília sempre esteve presente nesta Casa da História e da Geografia. Dentre seus fundadores, destaca-se o primeiro arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida Baptista, falecido em 2001. A ata da fundação do Instituto foi assianda em 1960, ainda durante a presidência de Juscelino Kubitschek, ao lado de Dom José Newton e de magistrados que haviam se mudado para a nova capital.

Recebo pois essa honrosa responsabilidade como mais uma amável marca de consideração do Instituto não só para comigo, mas para com a Igreja Católica. Exprimo assim, neste momento, meus agradecimentos sinceros e efusivos.

A cadeira que passo a ocupar tem por patrono um religioso carmelita nascido em 20 de agosto de 1779 e falecido no dia 13 de janeiro de 1825. Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo conhecido como Frei Caneca (o porquê desde epíteto não dispõe até hoje de explicação segura). Nosso patrono ingressou na Ordem dos Carmelitas e tornou-se frade professo em 1796. Mediante dispensa apostólica, pôde ser ordenado sacerdote aos 22 anos, em 1801.

Personalidade forte, formado no ambiente crítico das luzes fulgentes do início do século 19, Frei Caneca engajou-se incondicionalmente no movimento de independência nacional. Desejava autonomia para a sociedade brasileira, em conflito direto e aberto com a autoridade real portuguesa e com o poder imperial do Brasil bragantino de Pedro I.

O traço social e republicano aparece nitidamente em seus escritos e nos registros acusatórios das devassas em que foi réu, como aponta o professor Renato Lopes Leite, da Uni-

versidade Federal do Paraná, no livro "Republicanos e Libertários".[1]

No início do século 19, a liberalização da imprensa trouxe difusão inédita de uma cultura impressa. Em seu meio o debate acerca de assuntos antes reservados apenas aos letrados em espaços privados ganhou força no espaço público. Atingiu vários grupos sociais, antes excluídos dessa discussão.

Nesse período, diversos intelectuais e ilustrados, muitos dos quais membros da Igreja Católica, passaram a produzir periódicos e panfletos, buscando expor seus pontos de vista. Desejavam também informar a sociedade acerca dos acontecimentos políticos da época, tratando de temas como a independência, a nação, a pátria, a constituição, a república e a monarquia, entre outros.

Neste contexto encontramos a atuação de religiosos como redatores e dirigentes de seus impressos fazendo a propagação de ideais políticos. Seguidas vezes, eram lidos em voz alta nas praças. Eles assumiram o papel didático de informar a população acerca dos acontecimentos políticos de então, além de se envolverem diretamente em atividades políticas.

É neste ambiente de instabilidade e mudanças, principalmente relativas a movimentos que propunham a independência do Brasil de Portugal (e, em seguida, a recusa do regime monárquico em 1822) que cabe contemplar a vida acidentada, sacrificada e dolorosa do frade carmelita. Frei Caneca se envolveu em importantes acontecimentos. Atuou de forma determinante, deixando sua vida como penhor coerente de seu ideário.

1 Renato Lopes Leite. Republicanos e Libertários. Editora Civilização Brasileira: São Paulo, 2000.

Frei Caneca, responsável por redigir o "Thyphis Pernambucano", principal órgão propagador da Confederação do Equador, não esteve sozinho nessa árdua labuta. Outros religiosos igualmente militavam tanto com a cruz como com a pena. Por exemplo, o Padre Francisco Ferreira Barreto, notável colaborador do periódico "Relator Verdadeiro"; Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, redigia "O Conciliador Nacional"; Padre José Marinho Falcão Padilha (Padre Quinela), dirigia o "O Maribondo"; Padre Francisco Agostinho Gomes, foi o primeiro redator do "Escudo da Liberdade do Brazil".

Nosso patrono neste Instituto, o Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, e, finalmente, o Padre João Batista da Fonseca, ex- revolucionário de 1817, escreviam para o periódico "O Liberal". Frei Caneca não estava sozinho naquele momento de ebulição histórica. Como dissemos antes, ele escrevia sobre "independência", "nação", "pátria", "constituição", "república", "monarquia", entre outros temas.

A fomação de Frei Caneca no prestigioso Seminário de Olinda dotou-o de sólida e ampla cultura política, filosófica e teológica. Tal viés crítico o motivou a estudar outras disciplinas, como a retórica, a mecânica e o cálculo. Em 1803 foi nomeado professor de Retórica e Geometria de seu convento. Mais tarde ali lecionou Filosofia Racional e Moral.

Politicamente, Frei Caneca está entre aqueles religiosos membros da Igreja Católica que adotavam postura crítica e radical frente às províncias do Sul do Império, mais precisamente a do Rio de Janeiro. Em seus escritos, proferia ataques contundentes a Dom Pedro I e à monarquia, tal como a implantaram no Brasil. Tudo isso após a dissolução da Assem-

bleia Constituinte no ano de 1823 e a imposição da Primeira Constituição do Brasil elaborada por determinação do monarca e seus conselheiros diretos.

Como outros religiosos católicos redatores de periódicos, Frei Caneca participou de grupos em academias como a Academia Suassuna, reunida no engenho do conspirador Francisco de Paula Cavalcanti. Também na Academia Paraíso cujo líder era outro antigo conspirador contra o despotismo português, Francisco Paes Barreto.

Frei Caneca representou o início das relações trabalhando em projetos da Igreja a favor de setores desfavorecidos da sociedade brasileira. Observava e anotava relações de conflito e, ao mesmo tempo, de união existente entre o espírito religioso e os ideais iluministas. Procedendo de tal forma, cumpria seu papel de cristão e, ao mesmo tempo, de notável transformador.

Na chamada Revolução Pernambucana de 1817 – período em que o rei Dom João VI governava o Império Português com sede no Rio de Janeiro – a dita Revolução proclamou uma República. Ao organizar o primeiro governo independente da região Nordeste, Frei Caneca se alistou no exército republicano que combatia tropas de Dom João VI. Em tal ocasião, teria exercido a função de 'capitão de guerrilhas' e de conselheiro do exército republicano pernambucano.

Registre-se, Frei Caneca não é, de forma alguma, nem social nem eclesiasticamente, um personagem isolado da nossa história. Vários outros padres e bispos se envolveram nesses conflitos. O renomado historiador Oliveira Lima apelidou a Revolução Pernambucana de 1817 como "Revolução

dos Padres". Com efeito, mais de 70 padres – entre religiosos e seculares – estiveram envolvidos no movimento revolucionário. Tal fato é particularmente significativo: na época o clero costumava ser refém das malhas do sistema do padroado vigente. Em tal sistema, os padres eram funcionários públicos. Supunha-se então que deveriam servir a Deus e ao príncipe.

Preso após a derrota desse movimento, Frei Caneca foi mandado para uma prisão em Salvador, onde permaneceu quatro anos detido. Foi libertado em 1821, às vésperas da proclamação da Independência do Brasil, no contexto da Revolução Constitucionalista em Portugal. Era um movimento político contra o despotismo da monarquia portuguesa. Tal Revolução viabilizou no Brasil a soltura de presos políticos, como foi o caso de Frei Caneca. O religioso retornou a Pernambuco onde retomou suas atividades políticas.

Com a proclamação da Independência do Brasil, inicia-se novo ciclo revolucionário para Frei Caneca em Pernambuco, com a instauração, em 2 de julho de 1824, da Confederação do Equador. A Confederação caracterizava-se como movimento de autonomia regional e de oposição à Constituição imposta por Dom Pedro I. Seus líderes conclamaram a adesão de outras províncias do Norte e Nordeste. Aboliram a escravidão e criaram uma Constituição liberal republicana.

Neste novo contexto, Frei Caneca volta a participar, como conselheiro dos líderes da revolução separatista. Com a derrota da Confederação do Equador, após poucos meses, ainda em 1824, Dom Pedro I conseguiu dominar as províncias nordestinas, mas não o suficiente para pacificar a região. Os ideais republicanos resistiam e motivariam novas revoltas

durante o Período Regencial. Era uma espécie de legado tardio do Frei Caneca. A revolta em Pernambuco mostrou também que a imprensa ganhou crescente poder de difundir ideias e motivar rebeliões contra o Império.

Os revoltosos da Confederação do Equador foram presos, condenados e alguns executados, como Frei Caneca. Nos autos do processo que levou à sua condenação à morte, Frei Caneca é indiciado por ser "escritor de papéis incendiários". Importa recordar que muito foi feito para que Frei Caneca não fosse executado. Por meio de petições e manifestações das Ordens religiosas multiplicavam-se os pedidos de clemência. Era impossível recrutar carrascos que executassem a sentença de enforcamento.

A 13 de janeiro de 1825, em frente dos muros do Forte das Cinco Pontas, em Recife, fuzilaram Frei Caneca. Seu corpo foi deixado em frente ao Convento das Carmelitas, dentro de um caixão de pinho. Os padres o recolheram e sepultaram.

Quando da morte de Frei Caneca, seu companheiro de luta e de cárcere, o Padre João Batista da Fonseca, responsável pela redação de "O Liberal", dedicou-lhe um poema, do qual transcrevo breve e significativa estrofe:

"Morreu! Tinha seus dias consagrados
Em prol da pátria da humanidade Satélite fiel da liberdade,
Caro Apolo das musas embalado
Marcado era no globo e espaço dado
Sábias lições ditava à mocidade;

Ora destro piloto em tempestade
Guiava afoito ao porto do Estado."[2]

Seja-me agora permitido concluir minhas palavras, citando João Cabral de Mello Neto. Faço isso querendo destacar a generosidade pessoal, o espirito de sacrifício e de doação de si mesmo do Frei Caneca.[3] O poema exorta o leitor a pensar a missão salvífica e redentora própria ao ministério sacerdotal, mesmo quando engolfada em situações políticas complexas:

Ele jamais fez por onde,
sequer desejou, ser mártir.
Assim, morto, e aqui esquecido
não é coisa que o agrave.
Talvez sentisse que o mártir
tem sempre um lado podrido
e que ser mártir
vem com a mania ou o vício,
enfim, com o gosto de crer-se
já um além mártir, messias:
neurose que não sofreu,
crioulo e enciclopedista
o que não o salvou do martírio,
salvou-o de ver-se mártir
e trouxe-lhe a honra de ter nome na rua de um cárcere.
Muito Obrigado!

2 SILVA, A. M. da. Padre João Batista da Fonseca (1787-1831). Revolucionário de 1817. Brasília: Thesaurus, 2002.
3 "Frei Caneca no Rio de Janeiro", In: Museu de tudo (1966–1974).


ARTIGOS E
RESENHAS

O ESPÍRITO DE RIO BRANCO

Carlos Henrique Cardim

1. "Terceira Reunião do Congresso Scientífico Latino-Americano, em 1905".

Em 1905, realizou-se no Rio de Janeiro a "Terceira Reunião do Congresso Scientífico Latino-Americano", que contou com total apoio do Barão de Rio Branco, que não foi circunstancial, mas que foi uma ação importante dele junto à comunidade científica, que mostra seu lado de pesquisador.

"A iniciativa é, sem dúvida inédita e importante, por seu valor histórico e político. Evoca não apenas o 3° Congresso Científico, mas também certos interesses e qualidades pessoais de Rio Branco, que ajudaram a formar gerações no Itamaraty e, ainda, tem implicações para a atualidade e a experiência auferida – no que tem sido chamado `espírito de Rio Branco´- (...) ", afirma o Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg, à época Ministro da Ciência e Tecnologia.

Pouco conhecida e estudada nas biografias de Rio Branco, essa "Terceira Reunião" foi descoberta e trazida à comunidade acadêmica e diplomática pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, em 2002. Cientistas destacados – Ana Maria Ribeiro de Andrade, Hugo Rogélio Suppo, Luiz Felipe Vieira Ferrão e Evandro Mirra de Paula e Silva – preparam ensaios sobre as atividades do "Congresso", que foram publicados em edição bem cuidada. Registre-se que os 12 volumes do Relatório Geral da "Terceira Reunião da Terceira Reunião do Congresso

Scíentifico Latino-Americano" teve uma versão em "CD- ROM", que registra a participação no evento de políticos, cientistas, professores, médicos, engenheiros, advogados, etc.

2. Pesquisador da História do Brasil

Em Rio Branco pode-se encontrar todos os traços de um pesquisador no seu campo de trabalho que é a História do Brasil, que "conhecia como poucos", no dizer de José Honório Rodrigues. Ele é um exemplar estudioso que de início rejeita todo tipo de improvisações, valoriza os textos escritos, que documenta e difunde seus achados, que não se deixa levar pelos elogios por ter integrado ao território nacional 883.662 Km^2.

Capistrano de Abreu, um dos maiores historiadores brasileiros, em carta ao Cônsul em Liverpool, em abril de 1890, assim se exprime, muito em seu estilo irreverente e direto: "Quando me lembro que pode dar-se o caso de seus trabalhos não serem publicados, fico fora de mim, e meu desejo era ser ditador para desligá-lo de tudo e de todos, dar-lhe tudo que precisasse, mas com um prazo, o mais curto possível, para escrever a sua História Naval e a sua História Militar".

27 anos de pesquisas (de 1861 a 1888)

A edição de 12 de outubro de 1911, do "Jornal do Commercio", estampou artigo de Rio Branco, sob o pseudônimo de Bernardo Faria, que dá razão a Capistrano de Abreu e revela que seu autor – o próprio Rio Branco – teve 27 anos de pesquisas (de 1861 a 1888) sobre a Guerra do Paraguai, e outros temas militares!

"O espírito de Rio Branco" revela "qualidades pessoais e amor ao Brasil, dedicação à pesquisa e visão de estadista"

Igualmente, manifesta-se em frases, aparentemente, menores como essa no artigo "Brasil e Argentina", publicado no "Jornal do Commercio" de 26 de setembro de 1908: "Cultivemos tranquilamente as nossas relações de vizinhança, troquemos com toda a liberdade, sem pactos forçados, os produtos do nosso trabalho e da nossa inteligência". É isso: "cultivemos tranquilamente"; nada de ansiedades ou histerismos ! tão comum nas políticas exteriores dos países.

No seu pronunciamento inicial da "Reunião", Rio Branco assinala que "Mas não é só o progresso, o desenvolvimento da cultura intelectual, da riqueza e do poder da nossa pátria que desejamos, é também a crescente prosperidade de todos os povos do nosso continente".

3. Um texto lapidar

Álvaro Lins (página 314, segunda edição revista de *Rio Branco (O Barão de Rio Branco) Biografia pessoal e História política*) expõe com precisão "o espírito de Rio Branco". É um texto fundamental, que merece ser lido e relido, e comentado:

"O que fez a grandeza do Barão do Rio Branco foi haver associado a ciência e a arte diplomática. Porque aquilo que se chama ciência da diplomacia constituía para ele material de trabalho, mas estava longe de esgotar-lhe as possibilidades pessoais. Acima dos conhecimentos especializados e da erudição científica, ele colocava a diplomacia criadora, livre nos movimentos e recursos inventivos da imaginação. Um simples objetivismo teria feito dele apenas um tratadista erudito. Um

simples subjetivismo, por sua vez, faria dele somente um *debater* (debatedor) brilhante. O que o Barão apresentava, ao contrário, era uma obra em que a erudição fora tomada como ponto de partida para atingir a criação política. Pois, o verdadeiro diplomata há de ser um erudito e um criador, homem de ciência e uma personalidade de imaginação".

Esse comentário lapidar de Álvaro Lins e a ação conseqüente do então responsável pelo Itamaraty,são suficientes para indicar o nome de Rio Branco para designar o Instituo que será responsável pelo recrutamento e formação dos Diplomatas. Expõe, igualmente, um traço pouco comum no Brasil, e em outros países: o da autoridade, que o Chanceler brasileiro tinha na vida nacional.

Chama a atenção, logo de início, a afirmação de Lins: "O que fez a grandeza do Barão do Rio Branco foi haver associado a ciência e a arte diplomática". Essa definição é um verdadeiro Programa de Estudos, aponta o que seria o Curriculum do IRBr. Ficou evidente essa dimensão de privilegiar "a ciência e arte diplomática", em reunião dos Institutos de formação diplomática, promovida pela Academia Diplomática de Viena. Nessa oportunidade foi destacado o IRBr, como instituição preocupada com a formação intelectual completa de seus alunos.

"Criação política", eis o objetivo maior da ação diplomática. O ponto de partida seria a erudição, que daria a base, a visão geral, mas não perderia finalidade maior que é o campo da política. Esse domínio tem suas próprias regras, sua especificidade, seu tempo. Assim demonstra, Nicolò Maquiavel que foi diplomata da Chancelaria de Florença. Recomendaria

aqui a leitura de algumas de suas obras, como por exemplo: *Comentários sobre a Primeira década de Tito Lívio* , e o ensaio do Embaixador Lauro Escorel sobre Maquiavel.

Sublinharia, igualmente, a frase de Lins : "Pois, o verdadeiro diplomata há de ser um erudito, homem de ciência , e uma personalidade de imaginação. É um desafio que significa ter sempre curiosidade pelas coisas que acontecem. Lembro aqui o conselho de Ezra Pound para os jovens "curiosity".

4. A criação do IRBr

O Instituto Rio Branco foi criado pelo Decreto-Lei nr. 7473, de 18 de abril de 1945, durante a gestão de Oswaldo Aranha, e na ocasião em que a Pasta do Exterior era ocupada, provisoriamente, ao Embaixador José Roberto de Macedo Soares. Teve a princípio caráter de centro de investigações e ensino.

Na administração Leão Veloso, pelo Decreto- Lei nr. 8641, de 26 de dezembro de 1945, foi dada nova redação ao Decreto de criação do IRBr, que ficou explicitamente, subordinado ao Ministério das Relações Exteriores.

Foi, entretanto, na gestão de João Neves, pelo Decreto-lei nr. 9.302, de 6 de março de 1.946, sobre o ingresso na carreia de Diplomata e o aperfeiçoamento de funcionários da referida Carreira , que o IRBr assumiu o caráter de uma Academia Diplomática.

Preocupado e atuante, também, nos campos do recrutamento e formação dos Diplomatas cabe, também, citar: o Visconde do Uruguai, um pioneiro no tema, e Getúlio Vargas que

apesar de comandar um regime autoritário, gerou um clima nacionalista e de inovação administrativa.

5. Academia Diplomática

O Brasil possui uma Academia Diplomática, e essa afirmação significa, principalmente, que existe um território de amplo debate sobre os temas internacionais, que se permite a experimentação, que incentiva publicação de livros e revistas, como fez o Barão do Rio Branco com a "Revista Americana", que circulou de 1911 a 1919. Lembro, igualmente, nessa dimensão a revista "Diplomacia Estratégia Política DEP", dedicada à América do Sul, e aos países que a integram, publicada de 2004 a 2009.

A palavra "Academia", marca desde os clássicos gregos, desde Platão, o local reservado ao espírito, à reflexão e à discussão, dos temas que preocupam a cidade. Era um espaço destinado ao discurso seja de defesa, de ataque, de crítica, ou de explicação.

A "Academia" é, também, o local onde se preparam as novas gerações que ali vão conhecer os mestres, e as conclusões e as divergências de seus estudos.

As Universidades são os locais, onde as diferentes visões tem igual peso, e onde qualquer ponto do círculo é o centro. Ou seja, não há um centro, mas múltiplos centros. Nada menos universitário do que privilegiar um único nome, livro, ou opinião.

Balanço de 80 anos

Hoje, passados 80 anos, a contribuição do IRBr é expressiva: número alunos formados, inclusive estrangeiros, Teses do CAE, sede própria, Biblioteca, etc.

Destacaria, entre as conquista do IRBr, as Teses do CAE, mais de 500, e que são um verdadeiro diálogo entre o IRBr e a academia universitária.

É um balanço altamente positivo no quadro da Administração do Estado. O IRBr Implantou um padrão para a Carreira de Diplomata.

Bibliografia

Álvaro Lins. *O barão do Rio Branco: biografia pessoal e história política.* São Paulo: Editora Nacional, 1965. (Coleção Brasiliana)

Ana Maria Ribeiro de Andrade (Coordenadora). *A Terceira Reunião do Congresso ScientíficoLatino-Americano:ciência e política.* CGEE Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. MAST Museu de Astronomia e Ciências Afins. MCT Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília – Rio de Janeiro 2002.

Carlos Henrique Cardim (organizador e apresentação). *Obras do Barão do Rio Branco VII Biografias.* Brasília: Ministério das Relações Exteriores Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

Flávio Mendes de Oliveira Castro. *História da Organização do Ministério das Relações Exteriores. Coleção Temas Brasileiros Volume 52.* Brasília: Editora Universidade de Brasília,1983.

Roberto Luiz Assumpção de Araujo (organizador e apresentação). *Obras do Barão do Rio Branco IX Discursos.* Brasília: Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

QUARTETO ARCAICO: UMA JORNADA POÉTICA DE ANDERSON BRAGA HORTA

Vicente Freitas Liot

Introdução: A Poesia como Eternidade

"Quarteto Arcaico", de Anderson Braga Horta, é uma obra que transcende a mera coletânea de poemas. Dividido em quatro partes — "Vertentes de Minas", "A Cabeça de Orfeu", "Restilo" e "Onda e Antionda" — o livro é um testemunho da habilidade do autor em explorar o vasto território da poesia com profundidade. Cada seção do quarteto apresenta um universo próprio, mas todas se conectam pela busca do sublime e pela tensão entre o arcaico e o eterno.

Na primeira parte, "Vertentes de Minas", o poeta evoca sua terra natal com lirismo melódico e nostálgico. Os versos são impregnados de uma musicalidade natural, com imagens que capturam a essência do in- terior brasileiro. Braga Horta utiliza o espaço mineiro não apenas como cenário, mas como símbolo da busca por raízes e sentido. Sua linguagem, embora simples à primeira vista, revela uma complexidade rítmica que ressoa as tradições da poesia brasileira e a transforma em um cântico universal.

Já em "A Cabeça de Orfeu", o tom muda radicalmente, mergulhando no universo mítico. A figura de Orfeu, símbolo do poder transformador da arte, é desconstruída e recontextualizada nos versos de Horta. Aqui, a poesia torna-se mais densa, exigindo do leitor um mergulho nas camadas simbólicas. O mito clássico se entrelaça com questões contemporâneas, mostrando como o arcaico permanece vivo na modernidade.

A terceira parte, "Restilo", apresenta um olhar metalinguístico sobre o ato de criação. O título, que remete à ideia de um recomeço estilístico, reflete a intenção de reinventar a palavra poética. Braga Horta dialoga com a tradição literária e, ao mesmo tempo, desafia suas convenções. Os poemas dessa seção têm um tom meditativo, convidando o leitor a refletirsobre a fragilidade e a força da linguagem como ferramenta de expressão.

Na última parte, "Onda e Antionda", o poeta assume uma postura quase filosófica, explorando o conceito de dualidade. A relação entre movimento e pausa, caos e ordem, é trabalhada com maestria, criando um jogo dialético que reflete a própria condição da existência. Braga Horta demonstra aqui sua habilidade em trabalhar com imagens abstratas, sem perder o impacto emocional e intelectual de sua poesia.

Embora as quatro partes de "Quarteto Arcaico" tenham estilos e temáticas distintas, há uma unidade subjacente que conecta os poemas. Essa unidade reside na voz poética de Anderson Braga Horta, que com- bina erudição e sensibilidade

em doses equilibradas. Sua poesia transita entre o particular e o universal, resgatando o passado sem nunca abandonar o presente.

Um dos grandes méritos de "Quarteto Arcaico" é a capacidade do autor de dialogar com a tradição poética sem se submeter a ela. Braga Horta se inspira em clássicos da literatura, mas utiliza essa herança como trampolim para sua própria expressão artística. A obra é, portanto, uma síntese entre o arcaico e o inovador, o que a torna atemporal.

A técnica de Braga Horta é impecável. Seus versos mostram um domínio absoluto da métrica, do ritmo e da sonoridade. No entanto, sua poesia nunca se reduz a um mero exercício formal. A técnica é sempre colocada a serviço da expressão, conferindo aos poemas uma profundidade que ultrapassa o estético e alcança o existencial.

"Quarteto Arcaico" não é um livro para ser lido de forma apressada. Cada poema exige contemplação, um olhar atento para as nuances das palavras e das imagens. Anderson Braga Horta convida o leitor a participar de uma jornada poética que é, ao mesmo tempo, intelectual e emocional.

Com "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta reafirma seu lugar como um dos grandes poetas da literatura brasileira contemporânea. A obra é uma viagem ao mesmo tempo introspectiva e universal, um convite para redescobrir o poder da poesia como ferramenta de compreensão do mundo e de si mesmo. Em tempos de superficialidade, "Quarteto Arcaico" resgata a profundidade e a beleza do ato poético.

Enraizamento Histórico e Poético em "Vertentes de Minas"

Na coletânea "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta revela uma faceta de sua poesia profundamente ancorada na memória histórica e cultural brasileira, particularmente na terra natal do autor, Minas Gerais. Na seção intitulada "Vertentes de Minas", Horta utiliza a poesia como um meio de resgate e recriação da história mineira, celebrando seus heróis, paisagens e tradições. No poema "Romance de Filipe dos Santos", Horta revisita a figura histórica do mártir da resistência colonial em versos que evocam tanto a dureza dos tempos quanto a grandiosidade do espírito humano. O início do poema, com os versos:

"Foi há muito, foi há tanto!
Lá das bandas de além-mar
veio a esta terra de espantos
um cavaleiro aportar".

Introduz o leitor a um ambiente de épica saudade, onde o distante passado ganha vida sob uma lente lírica. Horta não apenas narra os eventos históricos, mas os eleva ao nível do mito, criando uma ponte entre a história e a poesia. Os ecos do colonialismo e da luta por autonomia, tão presentes na história de Minas Gerais, encontram em Braga Horta um tradutor sensível e visionário.

A capacidade de Anderson Braga Horta em entrelaçar elementos épicos e líricos é um dos pontos altos de "Vertentes de Minas". Nos romances dedicados aos poetas da Incon-

fidência, como Cláudio Manuel da Costa, há um diálogo direto com a tradição literária mineira. Horta recria essas figuras históricas com uma profundidade emocional que transcende a simples homenagem, transformando-as em arquétipos universais de luta e criação.

O "Caminho de Minas", mencionado como uma das inspirações do poeta, é tratado não apenas como um espaço geográfico, mas como uma metáfora para os percursos históricos e existenciais. A trajetória de Filipe dos Santos, por exemplo, ressoa como um símbolo da resistência às pressões externas e internas, ecoando nos versos como um chamado à reflexão sobre o passado e sua relevância contínua.

Além de revisitar eventos históricos, Horta também celebra as paisagens mineiras, integrando natureza e cultura num tecido poético rico. Em sua descrição de Minas Gerais, o autor não se limita às imagens bucólicas; ele entrelaça as veredas do interior com as veredas do espírito, apontando para a conexão entre o lugar e sua gente.

A seção "Vertentes de Minas" é, portanto, mais do que uma homenagem à terra natal de Horta; é um testemunho poético do poder da memória e da história. Anderson Braga Horta nos convida a revisitar es- sas veredas não apenas como leitores, mas como participantes de uma jornada poética que nos conecta ao coração da identidade mineira e brasileira.

Em "Quarteto Arcaico", e, particularmente, na seção "Vertentes de Minas", Anderson Braga Horta demonstra que a poesia pode ser um veículo poderoso para preservar e re-

viver a história. Seu trabalho resgata não apenas os eventos e figuras que moldaram Minas Gerais, mas também as emoções e ideias que continuam a ressoar no presente. O lirismo histórico de Horta é ao mesmo tempo uma celebração e uma reflexão, reafirmando a relevância do passado na construção do futuro.

A obra é um convite a explorar as veredas da memória, guiado pela sensibilidade poética de um autor que compreende a profundidade do entrelaçamento entre história e poesia.

"A Cabeça de Orfeu"

Anderson Braga Horta, reconhecido por seu domínio do verso e sua profundidade intelectual, apresenta em "Quarteto Arcaico" uma obra que não apenas revela o vigor de sua poesia, mas também nos conduz por uma viagem intensa de reflexão e contemplação. A seção, intitulada "A Cabeça de Orfeu", estabelece o tom dessa jornada poética, misturando a introspecção pessoal com reflexões de caráter universal.

"A Cabeça de Orfeu" é uma ode à dualidade da vida. Por meio de poemas curtos e intensos, Anderson Braga Horta explora o âmago de temas como dor, solidão e beleza. Cada verso parece capturar um mo- mento de hesitação ou iluminação, onde o poeta se vê diante de sua própria condição. O poema "Espelho" é um exemplo sublime dessa busca:

"Miro-me no espelho / e não vejo / o menino que mira".

Aqui, o eu lírico se depara com a inevitabilidade do tempo e a perda da inocência. A imagem do menino que não é mais visível no espelho sugere um confronto com o passado,

um desejo por algo que se foi, mas que ainda ressoa no presente. A economia de palavras realça a profundidade do sentimento, uma característica marcante do estilo de Braga Horta.

O simbolismo atravessa a segunda parte de "A Cabeça de Orfeu", onde poemas como "Emblema" e "Flecha" mergulham no misticismo e na reflexão estética. Anderson Braga Horta, herdeiro da tradição sim- bolista, utiliza imagens carregadas de significado para transcender o cotidiano e evocar o sublime.

Em "Flecha", o ato de lançar uma flecha se torna uma metáfora para a busca espiritual e a inevitável aspiração por algo além do tangível. A precisão da linguagem, aliada à complexidade temática, confere aos poemas uma aura de atemporalidade.

Ao evocar Orfeu no título da seção, Braga Horta também dialoga com o mito do poeta que desafia os limites do humano para resgatar aquilo que ama. A figura de Orfeu, simbolizando tanto a arte quanto a perda, reverbera nos versos, que frequentemente se veem divididos entre a beleza e a dor. Os poemas dessa seção revelam uma profunda meditação sobre o papel do poeta na sociedade. Assim como Orfeu, Anderson Braga Horta nos guia pelo terreno árido das emoções, oferecendo uma música que, mesmo trágica, é capaz de iluminar.

"A Cabeça de Orfeu" é mais do que uma seção poética; é uma viagem ao íntimo do ser, conduzida por um poeta que domina as nuances da linguagem e os mistérios do simbolismo. Anderson Braga Horta, com sua capacidade de condensar significados em imagens poderosas, não apenas nos convida

a refletir, mas também nos instiga a encontrar beleza e transcendência mesmo na dor. Essa parte de "Quarteto Arcaico" demonstra a força criativa de Anderson Braga Horta e prepara o terreno para as outras seções da obra, prometendo ao leitor uma experiência literária rica e profundamente transformadora.

"Restilo"

Anderson Braga Horta, uma das vozes mais significativas da poesia brasileira contemporânea, oferece em "Quarteto Arcaico" uma obra que alia densidade lírica a uma estética cuidadosamente trabalhada. A coletânea, estruturada em quatro partes, revela um universo poético em que a busca pela essência das coisas se encontra com a exploração do ritmo e da forma. Com "Restilo", somos introduzidos a uma atmosfera de concisão e simbolismo que evidencia o virtuosismo do poeta em lidar com as formas breves e intensamente sugestivas.

Em "Restilo", Braga Horta demonstra a capacidade de condensar mundos inteiros em poemas de poucas palavras. Essa seção é um exercício de depuração poética, onde cada palavra é escolhida com precisão. Aqui, não há espaço para excessos; tudo o que permanece é essencial. A técnica lembra o haicai, não apenas por sua forma breve, mas pela evocação de imagens carregadas de significado.

O poema citado — "Teus olhos na treva / cintilam. Abro a janela, / que não saia o sol" — exemplifica esse jogo entre o visível e o invisível, o concreto e o abstrato. A "treva" inicial é quebrada pelo brilho dos "olhos", que se tornam símbolo de

vida e intensidade emocional. A abertura da janela, paradoxalmente, é um convite para manter a escuridão. Há aqui uma dialética entre luz e sombra, entre revelação e mistério, que atravessa toda a seção.

Um dos traços marcantes de "Restilo" é a capacidade de criar atmosferas densas e reflexivas em poucas linhas. A concisão não limita a profundidade; ao contrário, amplia-a, exigindo do leitor uma atenção especial ao subtexto. Cada poema é como uma gota de tinta que se expande, sugerindo significados múltiplos.

Essa abordagem reflete o compromisso de Braga Horta com a tradição poética, ao mesmo tempo em que renova o uso da forma breve na literatura brasileira. Há uma clara reverência a mestres como Matsuo Basho e aos poetas simbolistas, mas também uma busca pela originalidade na fusão desses elementos com temas universais e íntimos.

A imagem da janela no poema citado é particularmente poderosa. Ela funciona como um portal, uma fronteira entre o interior e o exterior, entre o mundo subjetivo do eu lírico e o universo físico que o cerca. A decisão de "não deixar sair o sol" sugere um desejo de preservar o mistério, de manter intacta uma escuridão que, paradoxalmente, brilha.

Esse simbolismo dialoga com outros poemas da seção, onde o poeta explora limites, transições e os espaços intermediários. É um convite ao leitor para que contemple o que está além do óbvio, para que enxergue a beleza nas sombras e o esplendor na contenção.

"Restilo" não é apenas uma seção de poemas curtos; é uma celebração da síntese como forma de arte. Anderson Braga Horta nos lembra que o essencial não é simplista, mas profundamente complexo em sua simplicidade. A habilidade de sugerir mundos inteiros com poucas palavras é uma prova de sua maturidade poética e de sua compreensão do poder da linguagem.

Ao concluir essa seção de "Quarteto Arcaico", somos deixados com a sensação de que cada palavra carrega um universo, e cada silêncio entre os versos é tão eloquente quanto as palavras em si. Essa qualidade torna "Restilo" não apenas um capítulo da coletânea, mas uma afirmação de que a poesia de Horta transcende limites formais e temporais, convidando o leitor a uma jornada que é ao mesmo tempo arcaica e eternamente contemporânea.

"Onda e Antionda"

A obra "Quarteto Arcaico", de Anderson Braga Horta, é uma travessia sensível, um jogo de espelhos entre o passado e o futuro, entre o real e o imaginário. Em suas quatro partes, o poeta nos leva por um caminho de exploração linguística e filosófica, onde a forma e o conteúdo se entrelaçam de maneira íntima e inovadora. A última seção do livro, intitulada "Onda e Antionda", é um fechamento que não apenas conclui o ciclo iniciado anteriormente, mas também amplia os horizontes temáticos e estéticos da obra, desafiando o leitor a navegar pelas águas turbulentas do ser e do não ser.

A construção da linguagem em "Onda e Antionda" é, sem dúvida, uma das mais notáveis características da obra de Braga Horta. Ao introduzir neologismos e recorrer a jogos de palavras, o poeta parece constantemente questionar as limitações da língua convencional. Este uso criativo da linguagem reflete a busca incessante por novas formas de expressão e pelo desbravamento de um território poético que transcende as convenções.

Na mesma linha de pensamento, a própria estrutura do poema é flexível, moldando-se à medida que o conteúdo exige. Isso permite uma fluidez narrativa que se adapta ao tema central da seção: a dualidade. O poeta se utiliza de palavras que quase se contradizem, que se esticam para um além do possível, desafiando o significado fixo e revelando camadas de interpretação que permanecem abertas e múltiplas.

"Onda e Antionda" explora com profundidade a dualidade entre o ser e o não ser, entre o finito e o infinito. O poema "A Tartaruga", citado na introdução da seção, reflete essa busca pela compreensão do que é, do que pode ser e do que transcende o entendimento humano. Na visão do poeta, "a explosão inefável do que chamais abismo" não é uma experiência de perda ou vazio, mas uma constante reafirmação da totalidade, um movimento que nos desloca da finitude para a infinidade.

A metáfora da tartaruga, com seu casco simbolizando a proteção e o peso da existência, interage com a ideia de um oceano de infinitude, de uma "explosão inefável" que carrega

consigo uma noção de totalidade absoluta. Horta, ao evocar o abismo, não sugere o fim, mas a transição e a continuidade do processo existencial. O poeta também nos convida a refletir sobre a dicotomia entre o que é e o que poderia ser, sugerindo que a verdadeira compreensão só ocorre quando nos deparamos com as margens do incompreensível.

Neste último movimento da obra, o poeta amplia ainda mais os temas abordados anteriormente, lançando um olhar sobre o cosmos e sobre a condição humana, sem, no entanto, abandonar a introspecção que atravessa toda a obra. O amor, neste contexto, torna-se uma força cósmica, uma energia que conecta o indivíduo ao universo, ao outro e ao desconhecido. Ao mesmo tempo, a condição humana é apresentada como um processo de constante busca e reinvenção, em que o ser se reinventa a cada nova pergunta, a cada nova tentativa de alcançar o entendimento.

A seção se encerra com uma nota de reflexão que, embora voltada para o infinito e para o impessoal, mantém um vínculo com o humano, com a subjetividade do autor. "A Tartaruga" funciona, assim, como uma síntese poética da jornada proposta por "Quarteto Arcaico", um ciclo que, embora se feche, permanece em aberto, como a própria condição da vida e do pensamento.

Ao concluir "Quarteto Arcaico" com a seção "Onda e Antionda", Anderson Braga Horta deixa claro que a busca por novas formas de expressão e a exploração dos limites da linguagem são apenas parte de um movimento maior de reflexão

sobre a vida, o ser e o cosmos. O poeta consegue unir a introspecção pessoal com questões universais, criando um espaço onde o leitor se vê desafiado a pensar além das fronteiras da razão e da lógica, a contemplar o abismo e, ao mesmo tempo, a se reconhecer nele.

Em "Onda e Antionda", Anderson Braga Horta não apenas encerra sua obra, mas também nos oferece uma meditação sobre a continuidade da jornada, que nunca se completa, nunca se encontra totalmente re- solvida, mas que sempre permanece em movimento, como as ondas do oceano que, apesar de parecerem cíclicas, estão em constante transformação.

Aspectos Gerais da Obra

Anderson Braga Horta, um dos nomes mais respeitados da poesia brasileira contemporânea, apresenta em "Quarteto Arcaico" uma obra madura, que combina rigor técnico, profundidade temática e sensibili- dade estética. Este trabalho reflete a plenitude de um poeta que compreende e explora a tradição literária ao mesmo tempo que a transcende, criando uma linguagem própria.

Desde os primeiros versos, o leitor é confrontado com a precisão e o domínio técnico que caracterizam a escrita de ABH. Em "Quarteto Arcaico", ele navega com facilidade entre diferentes formas poéticas, alternando métricas clássicas e versos livres, sem jamais sacrificar a unidade do conjunto. A maestria formal de Braga Horta não é gratuita; antes, ela reforça a profundidade das ideias e a complexidade emocional

presentes nos poemas. Sua capacidade de manejar a estrutura poética com elegância demonstra uma intimidade rara com a linguagem, elevando o texto ao nível da grande arte.

Uma das qualidades mais marcantes de "Quarteto Arcaico" é sua musicalidade. Horta constrói versos que parecem dançar ao som de uma melodia interna, utilizando aliterações, assonâncias e variações rítmicas que seduzem os sentidos. Essa musicalidade não apenas enriquece a experiência estética do leitor, mas também sublinha o caráter meditativo dos poemas. O ritmo não é mero ornamento; é uma força que guia a leitura e amplifica o impacto emocional da obra.

No centro de "Quarteto Arcaico" está a eterna busca pelo infinito, um tema que atravessa a obra de Horta. Seus versos exploram o mistério da existência com uma combinação de maravilhamento e inquietude. A transcendência, tanto espiritual quanto artística, é abordada como um objetivo sempre em fuga, mas irresistivelmente desejado. Essa temática confere à obra um tom universal, permitindo que o leitor se conecte com os questionamentos existenciais presentes na poesia.

A introspecção é outro traço fundamental da obra. Horta utiliza a poesia como um espelho, refletindo tanto as angústias quanto as esperanças. Seu lirismo é delicado e poderoso, ao mesmo tempo íntimo e expansivo. Em "Quarteto Arcaico", o poeta convida o leitor a uma viagem interior, onde emoções, memórias e reflexões se entrelaçam num tecido poético que é tanto pessoal quanto universal.

Embora "Quarteto Arcaico" dialogue com a tradição poética ocidental, ele também revela um autor atento às deman-

das e possibilidades da contemporaneidade. Braga Horta não se limita a reproduzir formas antigas; ele as reinventa, trazendo frescor e relevância às estruturas clássicas. Essa fusão de tradição e inovação é uma das marcas distintivas de sua poética, demonstrando que o antigo pode ser um trampolim para o novo.

Além dos temas existenciais, "Quarteto Arcaico" é uma obra que reflete profundamente sobre a própria arte poética. Os poemas frequentemente abordam a criação artística como um ato de descoberta e transcendência. A poesia, para Braga Horta, é tanto um meio de expressão quanto uma forma de compreender o mundo e a si mesmo. Essa reflexão metapoética adiciona uma camada de complexidade à obra, enriquecendo-a ainda mais.

"Quarteto Arcaico" é uma obra que reflete a maturidade poética de Anderson Braga Horta. Cada poema é uma peça que contribui para um todo harmonioso, revelando a visão de mundo de um autor que é ao mesmo tempo técnico e intuitivo, introspectivo e universal.

Com "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta reafirma seu lugar entre os grandes poetas da língua portuguesa. Sua habilidade de combinar técnica impecável, musicalidade envolvente e profundidade te- mática resulta em uma obra que não apenas encanta, mas também desafia o leitor a refletir sobre questões fundamentais da existência. É, sem dúvida, um marco na trajetória do autor e uma contribuição inestimável à literatura brasileira.

Estrutura e Harmonia Temática

Anderson Braga Horta, com "Quarteto Arcaico", entrega ao leitor uma obra que pode ser comparada a uma sinfonia literária, onde cada movimento poético é uma jornada distinta, mas interligada, criando uma experiência de profunda reflexão e encantamento. O título, evocando a linguagem musical, é imediatamente percebido como uma metáfora estrutural, sugerindo uma composição de múltiplos movimentos que dialogam entre si, sustentando-se sobre pilares temáticos de história, misticismo e introspecção pessoal.

O livro se divide em quatro partes, ou "movimentos", que remetem a diferentes tempos e espaços, explorando o universal e o íntimo. A harmonia entre essas partes é um dos grandes méritos do autor, que equilibra o rigor formal de suas composições com a fluidez poética necessária para cativar o leitor. Há uma sensação de continuidade, como se as palavras se entrelaçassem para formar uma melodia, sem abandonar as nuances individuais de cada poema.

ABH é conhecido pelo seu compromisso com a métrica e a rima, um eco de tradições clássicas que ele não apenas respeita, mas revitaliza com originalidade. Em "Quarteto Arcaico", essa habilidade se ma- nifesta de forma magistral. O poeta demonstra que o rigor formal não é uma limitação, mas um trampolim para a criatividade. As estrofes são elaboradas como se fossem notas musicais cuidadosamente escolhidas, onde cada som tem um propósito e uma ressonância específica. Ao mesmo tempo, há uma liberdade emocional nos versos,

que parecem desafiar os limites do espaço e do tempo. Esse contraste entre o controle técnico e a liberdade expressiva resulta em uma tensão produtiva, que enriquece a leitura.

Os poemas de Braga Horta frequentemente dialogam com o passado, seja através de referências históricas, seja por meio da evocação de mitos e símbolos arcaicos. Esse olhar para trás não é saudosista, mas investigativo, como quem busca na ancestralidade respostas para dilemas contemporâneos. O poeta revisita figuras e eventos históricos não para enaltecer ou lamentar, mas para reinterpretá-los sob uma ótica pessoal e filosófica.

Essa dimensão histórica confere ao "Quarteto Arcaico" uma profundidade que transcende a simples contemplação estética. Cada poema é uma ponte entre o antigo e o moderno, o concreto e o abstrato, convidando o leitor a questionar sua própria posição na linha do tempo.

Outra vertente marcante na obra é a espiritualidade que atravessa os versos. Horta não é dogmático, mas místico, buscando na poesia uma forma de conexão com o transcendente. A experiência religiosa ou espiritual não é apresentada como resposta definitiva, mas como uma jornada de exploração e descoberta.

Os símbolos e as imagens usados pelo poeta frequentemente remetem a uma cosmologia pessoal, onde o divino é tanto uma força externa quanto uma presença íntima. Esse misticismo confere uma cama- da extra de complexidade ao "Quarteto Arcaico", transformando-o em uma meditação poética sobre o que significa ser humano diante do infinito.

Apesar de sua profundidade histórica e espiritual, os poemas de Anderson Braga Horta nunca perdem sua dimensão humana. Há um lirismo confessional que emerge em muitos momentos, trazendo à tona memórias, emoções e reflexões íntimas. Esse aspecto torna a obra acessível, mesmo quando aborda temas mais abstratos ou complexos. O equilíbrio entre o pessoal e o universal é outra das grandes virtudes do "Quarteto Arcaico". O leitor se vê, ao mesmo tempo, como um observador distante e como um participante ativo na jornada poética proposta pelo autor.

Com "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta reafirma seu lugar como um dos grandes nomes da poesia contemporânea brasileira. Sua habilidade em entrelaçar forma e conteúdo, história e emoção, espi-ritualidade e humanidade, resulta em uma obra que ressoa tanto no nível intelectual quanto no emocional.

Este livro é uma verdadeira sinfonia poética, uma celebração das possibilidades infinitas da linguagem e um convite ao leitor para explorar os mistérios do tempo, da existência e da arte. Para aqueles que bus- cam na poesia não apenas beleza, mas também profundidade e transformação, "Quarteto Arcaico" é uma leitura indispensável.

O Diálogo com a Tradição Literária

Em "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta reafirma sua posição como um poeta de notável profundidade ao explorar a coexistência do antigo e do moderno. A obra é atravessada por um esforço de resgatar o que há de essencial na

tradição poética, oferecendo um testemunho do eterno diálogo entre a herança literária e o presente. Com uma linguagem rica e erudita, Braga Horta apresenta uma jornada que nos transporta ao âmago da experiência poética, fundamentada no que ele próprio reconhece como "arcaico" — não no sentido de ultrapassado, mas como aquilo que é atemporal e fundamental.

Anderson Braga Horta constrói um equilíbrio admirável entre forma e conteúdo, empregando métrica clássica e rimas que ressoam a tradição sem abrir mão de um conteúdo denso e inovador. A musicalidade dos versos é reforçada por uma sintaxe sofisticada, que dialoga com poetas do passado, como Olavo Bilac, mas também com os modernistas, como Carlos Drummond de Andrade. Esse encontro entre o rigor formal e a liberdade criativa confere à obra uma universalidade que transcende épocas e estilos.

Um dos diálogos mais marcantes da obra é com Guimarães Rosa, especialmente na busca por uma linguagem que ultrapasse os limites do cotidiano. A inventividade lexical e as construções sintáticas presentes em "Quarteto Arcaico" evocam a ousadia rosiana, destacando a habilidade de Braga Horta em criar mundos linguísticos próprios. Assim como Guimarães Rosa, ele não escreve apenas para ser entendido, mas para ser sentido.

Murilo Mendes emerge como outra figura tutelar em "Quarteto Arcaico". Anderson Braga Horta adota elementos do surrealismo ao explorar imagens que oscilam entre o ter-

reno e o transcendente. Seus versos frequentemente flertam com o absurdo, desafiando a lógica cartesiana e transportando o leitor para uma dimensão de associações inesperadas. Esse aspecto ressalta a capacidade do poeta de dialogar com as vanguardas, sem perder de vista suas raízes clássicas.

A influência de Carlos Drummond de Andrade é perceptível na forma como Braga Horta lida com o cotidiano. Seus poemas revelam uma melancolia contida, um olhar introspectivo sobre as pequenas tragédias e belezas da vida. No entanto, ao contrário de Drummond, que muitas vezes retrata o indivíduo esmagado pelo peso do mundo moderno, Braga Horta oferece uma saída pela celebração do eterno e do sublime.

O conceito de tempo é central em "Quarteto Arcaico". Anderson Braga Horta constrói uma poética onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam num tecido narrativo. O arcaico, nesse contexto, não é apenas o resgate do que foi, mas a projeção do que sempre será. A temporalidade nos poemas é fluida, permitindo que o leitor transite entre eras com uma naturalidade que só a poesia pode oferecer.

Os poemas de "Quarteto Arcaico" não são apenas estéticos; eles carregam um profundo teor filosófico. Anderson Braga Horta questiona a essência da existência, a efemeridade da vida e o papel do poeta no mundo em constante transformação. Inspirado em pensadores como Platão e Nietzsche, ele constrói uma obra que exige do leitor não apenas sensibilidade, mas também reflexão.

A natureza desempenha um papel crucial na obra de Anderson Braga Horta, funcionando como metáfora para as

forças eternas que moldam a humanidade. O poeta também explora uma espiritualidade que transcende religiões e dogmas, evocando um sentimento de comunhão com o universo. Essa abordagem amplia o alcance de "Quarteto Arcaico", tornando-o acessível a leitores de diferentes origens e crenças.

Contrariando a ideia de que o arcaico está preso ao passado, Braga Horta demonstra como o que é essencial na poesia transcende o tempo. Ele redefine o conceito de modernidade ao ressignificar o antigo, mostrando que inovação e tradição não são opostos, mas complementares. Em "Quarteto Arcaico", a modernidade se manifesta precisamente na forma como o arcaico é revisitado e reinventado.

Com "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta solidifica seu lugar no panteão dos grandes poetas brasileiros. Sua obra não é apenas uma celebração do passado, mas um convite à construção de um futuro poético que honre suas raízes sem medo de inovar. Ao dialogar com mestres como Guimarães Rosa, Murilo Mendes e Drummond, ele cria uma obra que é, ao mesmo tempo, um tributo e uma superação — um verdadeiro legado para a literatura brasileira.

Universalidade e Contemporaneidade

A obra "Quarteto Arcaico", de Anderson Braga Horta, é um marco na poesia brasileira que ressoa com uma força atemporal e universal. Enraizada na cultura nacional, especialmente em suas paisagens, mitos e sensibilidades, a coletânea transcende o âmbito local para dialogar com questões e sentimentos universais. Em seus versos, Braga Horta explora

temas fundamentais como memória, dor, beleza e transcendência, criando uma ponte entre o íntimo e o coletivo, entre o passado e o presente.

A universalidade da obra é evidenciada pela habilidade do autor em captar e traduzir experiências compartilhadas em formas líricas densas e envolventes. Apesar de seu vínculo explícito com a cultura brasileira — evidente nos registros de imagens e paisagens profundamente locais —, o texto alcança leitores de qualquer parte do mundo.

Um dos elementos centrais de "Quarteto Arcaico" é a memória, que serve como fio condutor para explorar questões de identidade e pertencimento. Os versos evocam um tempo arcaico, mas de maneira que dialoga com o presente. Essa justaposição entre o passado e o presente é construída com uma precisão verbal que revela tanto o caráter nostálgico quanto o desejo de permanência.

O poeta utiliza a memória não como simples registro do passado, mas como um espaço vivo, uma reconstrução contínua onde a experiência individual se torna coletiva. Essa qualidade torna a obra relevante não apenas como testemunho cultural, mas também como uma reflexão filosófica sobre a efemeridade da vida.

A dualidade entre dor e beleza atravessa "Quarteto Arcaico", imbuindo a obra de uma tensão que a torna instigante e profunda. A dor, frequentemente associada à finitude e à perda, é apresentada como um elemento inescapável da condição humana, mas não de forma paralisante. Pelo contrário, Braga Horta a transforma em um elemento gerador de significados.

A beleza, por sua vez, surge como um contraponto vital. Seja na descrição de paisagens, na sonoridade dos versos ou na riqueza imagética, a beleza em "Quarteto Arcaico" é uma afirmação de vida. Anderson Braga Horta parece sugerir que, mesmo diante da dor, a existência é digna de celebração, e a poesia é o veículo ideal para essa celebração.

Um dos aspectos mais marcantes do livro é seu caráter transcendente. Braga Horta não se contenta com o tangível; seus versos frequentemente ultrapassam os limites do concreto para explorar o metafísico. Em "Quarteto Arcaico", a transcendência não é apresentada como fuga, mas como um convite à reflexão sobre o mistério da existência.

Embora a primeira edição de "Quarteto Arcaico" date de décadas atrás, sua relevância permanece intacta. Anderson Braga Horta demonstra, com sua escrita, que uma poesia profundamente enraizada no tempo e no espaço pode alcançar a intemporalidade. Seus versos são um lembrete de que os dilemas humanos, em essência, pouco mudam, mesmo quando as circunstâncias históricas e culturais se transformam.

"Quarteto Arcaico" é uma celebração da poesia como arte universal. Com sua habilidade de equilibrar o específico e o universal, Anderson Braga Horta constrói uma obra que se mantém relevante, tanto pela riqueza de seu conteúdo quanto pela precisão de sua forma. A jornada poética proposta pelo autor não é apenas um deleite para os sentidos, mas também um convite à reflexão. Em cada página, a obra reafirma o poder da poesia de conectar, transcender e perdurar.

Recepção da Crítica

Anderson Braga Horta é uma figura central na poesia brasileira contemporânea, sendo reverenciado por sua habilidade em conjugar forma, conteúdo e reflexão filosófica em versos de singular densidade. "Quarteto Arcaico", publicado em 2000, representa uma culminância de sua trajetória literária. A obra, estruturada em quatro partes, não apenas reafirma seu compromisso com a tradição poética brasileira, mas também revela uma profunda busca por significados universais, enraizados na dualidade entre o temporal e o eterno.

O impacto de "Quarteto Arcaico" na crítica literária foi imediato e reverente. Cleonice Rainho destacou a imaginação controlada do poeta, capaz de "navegar por espaços abstratos sem perder o vínculo com emo- ções humanas". Para Waldemar Lopes, a poesia de Horta é marcada pela "densidade escatológica", refletindo preocupações com os mistérios da existência e o destino. Esses comentários confirmam Anderson Braga Horta como um poeta cuja obra transcende os limites de sua época, alcançando um território em que a técnica impecável encontra a profundidade metafísica.

A primeira parte do livro, "Vertentes de Minas", exalta a terra natal do poeta. Braga Horta mergulha na paisagem mineira para explorar não apenas sua geografia física, mas também seu simbolismo cultural e espiritual. Em versos que alternam entre o bucólico e o épico, o poeta resgata tradições e memórias coletivas, conferindo-lhes uma aura de perenidade. A terra de Minas torna-se um microcosmo do Brasil, onde raízes culturais e questões existenciais se entrelaçam.

"A Cabeça de Orfeu" reflete a intensa relação de Braga Horta com a tradição artística. A figura mítica de Orfeu, com sua capacidade de transformar dor em arte, ressoa como uma metáfora para a própria prática poética. O poeta dialoga com os clássicos enquanto questiona a permanência da arte em um mundo cada vez mais fragmentado. Seus versos, ora elegíacos, ora irônicos, desvendam a ambivalência do ato criativo: redenção e angústia coexistem no canto de Orfeu.

A terceira seção, "Restilo", é um estudo sobre a renovação da forma poética. Horta exibe sua maestria técnica ao revisitar e reinventar estilos tradicionais, conferindo-lhes um frescor moderno. Essa parte reflete sobre o tempo, a memória e a linguagem, apresentando uma visão madura do fazer poético. A riqueza da métrica e o uso de aliterações e rimas internas demonstram um rigor formal que não sufoca, mas amplifica a expressividade dos poemas.

"Onda e Antionda", última parte da obra, é uma meditação sobre os contrastes da existência. A metáfora ondular evoca a dualidade da vida: criação e destruição, luz e sombra, amor e perda. Aqui, a linguagem alcança um ápice filosófico, explorando temas como o infinito e a espiritualidade. É nesse segmento que o poeta se aproxima mais de questões escatológicas, frequentemente mencionadas por críticos como Waldemar Lopes. "Quarteto Arcaico" é uma obra que desafia o leitor a refletir sobre a condição humana e a transcendência da arte. Anderson Braga Horta demonstra, com sua poesia, que a tradição não é um peso, mas uma base para a inovação e o questionamento. Cada verso é impregnado de uma riqueza

que convida à releitura e à redescoberta, transformando a experiência poética em uma jornada pessoal e coletiva.

Em "Quarteto Arcaico", Anderson Braga Horta confirma seu lugar entre os grandes poetas brasileiros. Sua obra não apenas dialoga com o passado, mas também oferece uma visão para o futuro da poesia, onde forma e conteúdo se entrelaçam em harmonia. Com versos que transbordam técnica, emoção e filosofia, o livro é um testemunho do poder da palavra e da arte no mundo em constante transformação. Assim, "Quarteto Arcaico" não é apenas uma coleção de poemas, mas uma experiência literária, reafirmando Anderson Braga Horta como um mestre da poesia brasileira.

Conclusão

"Quarteto Arcaico" é uma celebração da palavra poética em sua forma mais elevada, um testemunho do profundo talento de Anderson Braga Horta em articular os dilemas da existência com uma precisão lin- guística que transcende o comum. A obra, composta por uma estrutura sólida e carregada de rigor formal, revela um domínio raro da métrica e da musicalidade, harmonizando tradição e modernidade em um delicado equilíbrio que enriquece a experiência do leitor.

No cerne da obra, Horta explora temas universais como a passagem do tempo e o eterno diálogo entre o homem e o transcendente. Cada poema é uma janela que se abre para paisagens interiores e exteriores, permitindo uma contemplação que vai além do visível, mergulhando nas profundezas do ser e no mistério do cosmos. A pluralidade temática se desdobra

em versos que, ao mesmo tempo em que convidam à reflexão, encantam pela beleza de sua construção.

A musicalidade de "Quarteto Arcaico" é outro elemento que reafirma a maestria do poeta. Braga Horta, com sensibilidade e rigor, cria uma sinfonia verbal em que ritmo e som dialogam com o significado, potencializando a experiência estética da leitura. Essa musicalidade, longe de ser um ornamento, é parte essencial do convite ao leitor: um chamado para habitar o poema, ouvir seus ecos e sentir sua pulsação.

A modernidade de Anderson Braga Horta não reside apenas na linguagem ou na forma, mas na maneira como ele revisita o arcaico para dialogar com o contemporâneo. O autor não se limita a uma reconstrução nostálgica do passado, mas o utiliza como alicerce para questionamentos que são atemporais. Assim, "Quarteto Arcaico" não é apenas um livro de poemas, mas uma jornada poética que entrelaça história, filosofia e espiritualidade, reafirmando a atemporalidade da arte literária.

Por fim, "Quarteto Arcaico" se apresenta como uma obra essencial não apenas para quem busca compreender a trajetória poética de Anderson Braga Horta, mas também para quem deseja explorar a riqueza da poesia brasileira moderna. É um convite à contemplação, ao diálogo com o mistério e ao encontro com a beleza. Anderson Braga Horta, com este livro, consolida-se como um dos maiores poetas de sua geração, capaz de revelar, através da palavra, o indizível e o infinito.

HORTA, Anderson Braga. QUARTETO ARCAICO, Jaboatão dos Guararapes: Editora Guararapes, 2000.


ORAÇÕES
ACADÊMICAS

RECEPÇÃO DE EDMÍLSON CAMINHA A VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

27 de junho de 2025

No dia 23 de março de 2023, vim a esta tribuna para receber, em nome da Academia Brasiliense de Letras, o querido e agora saudoso confrade Vladimir Carvalho. Hoje, saúdo, com a mesma emoção, a escritora que o sucede na Cadeira XXXVIII, minha fraterna amiga Vera Lúcia de Oliveira. Junta-se, a nova confreira, às acadêmicas Margarida Patriota, Tania Serra, Ana Maria Lopes e Lucília Neves. São apenas cinco dos 40 titulares: grandes nomes da literatura de Brasília, mas quantitativamente poucas, muito poucas, considerada a presença das mulheres em nossas letras. Que venham outras, para fazer maior e mais representativa a Casa a que pertencemos.

Em 18 de outubro de 2018, neste Auditório Cyro dos Anjos, já merecera a distinção de dar, à confreira que nesta noite se empossa, as boas-vindas à Academia de Letras do Brasil. Peço-lhes permissão para repetir o começo da minha fala:

> Estabelece a praxe acadêmica que, em sessões como esta, os discursos primem pelo tom cerimonioso, formal, solene. Deem-me, pois, licença para quebrar o protocolo: não posso falar sobre Vera Lúcia de Oliveira senão com a voz do coração, com a singeleza da estima,

com o sentimento da fraterna amizade que nos une há 34 anos, desde que Ana Maria e eu chegamos a Brasília. Apresentada por meu querido colega Paulo Afonso Lopes Cabezon, Vera foi das nossas primeiras e já maiores amigas, tantas as afinidades que logo descobrimos: a experiência do magistério, a paixão pela literatura, o amor aos livros, o gosto da leitura, a alegria de exercer a prazerosa arte da conversa. Entre os povos indígenas yawanawás e kashinawás, no distante Acre, amigo se chama *txai*, palavra que quer dizer, com beleza poética e sabedoria filosófica, "metade de mim" (sem que ninguém lhes houvesse ensinado que Aristóteles, há 2400 anos, compreendera o amigo como um outro eu). Vera é *txai*: a metade de cada um de nós, que temos a honra da sua amizade e o privilégio do seu convívio.

Vera Lúcia de Oliveira nasceu em Goiás, na histórica Luziânia, cidade que em 2026 comemorará 280 anos de fundação. Um dos seis filhos de Dona Odette e de Seu Dozinho, teve o privilégio de viver a infância na fazenda onde, por entre bichos e plantas, descobriria o mundo, experiência que a marcaria para sempre. Nos contos merecedores de que se reúnam em livro, resgata homens e mulheres, casos e histórias de que soube quando menina, plenos de grandeza humana e de força literária. Lembranças do tempo e da terra que, diferentemente do Álvaro de Campos no poema "Aniversário", trouxe roubadas na algibeira... Significativamente, dessas memórias rurais constitui-se a matéria-prima da obra de autores com o relevo

de Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, José J. Veiga, Carmo Bernardes, Bariani Ortêncio, Alaor Barbosa e os irmãos José e Gilberto Mendonça Teles, linhagem goiana em que se inclui Vera, pela conterraneidade e pela natureza da literatura que escreve.

Já moradora da capital não havia muito criada por Juscelino, fez, brilhantemente, o Curso de Letras da Universidade de Brasília. No magistério de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, transmitiu a milhares de jovens estudantes a paixão com que se dá por inteiro em tudo que faz – ontem, nos colégios de que foi professora; agora, ao elaborar artigos, ensaios e estudos publicados na imprensa e depois enfeixados em livros: *O beijo da mãe* (2017), *O beijo de Judas* (2019), *Dostoiévski, sem moderação* (2021) e *Dostoiévski arrebatador* (2024).

Especializada em Teoria Psicanalítica pelo UniCEUB, Vera Lúcia de Oliveira distingue-se pelo saber da História, da Filosofia, da Mitologia, das Religiões, pelo conhecimento profundo com que lê e escreve à luz da psicanálise de Freud, de Jung, de Lacan. Entre nós, poucos o fazem com tanta argúcia, com tanta acuidade, com tanta segurança, conforme repara, na apresentação do livro de estreia, o terapeuta e romancista Frederico Lucena de Menezes:

> Vera Lúcia de Oliveira toca uma nota no concerto "psicanálise e literatura", acertando a harmonia perdida pela tentativa de outros autores. Graças a seu virtuosismo, Vera Lúcia consegue construir a ponte necessária

entre a psicanálise como disciplina e a literatura como arte, sobretudo como linguagem daqueles que escrevem bem.

Diz nosso confrade Ronaldo Costa Fernandes, prefaciador do *Dostoiévski, sem moderação*:

> Vera Lúcia de Oliveira envereda pela crítica psicanalítica sem abandonar o aspecto estético da criação literária *per se*. Sua argúcia argumentativa é grande e se revela nas análises do enredo, e mais precisamente no comportamento e nos anseios, dúvidas, angústias, desejos e ambições dos personagens. A crítica da autora tem a capacidade de revelar o estranho, o escondido, o reprimido. Vera Lúcia domina a contento a sua condição de crítica de literatura.

Tomem-se, por exemplo, as agudas observações da autora acerca de um romance primoroso da nossa literatura:

> *Crônica da casa assassinada* é um livro perturbador, assustador. Assustador no sentido de Dostoiévski, no sentido de mostrar o ser humano no seu limite, entre forças poderosas e opostas que o conduzem tanto à vida quanto à morte. É um livro sobre Amor e Morte, Eros e Thanatos, forças inconscientes que governam a natureza humana, que fazem o homem cometer todos os crimes, que o levam também às regiões mais sublimes da alma. É, sobretudo, um livro sobre o pecado, que torna o homem verdadeiramente humano. Lúcio Cardoso traz

> audaciosamente os temas da religião e da sexualidade, que são considerados tabus, que mexem com o leitor (...). É um romance transgressor que tira o leitor do seu conforto, da tranquilidade de suas certezas, que traz novas indagações sobre o bem e o mal, a virtude e o erro. (...)

Sobre *O adolescente*, romance estudado em substancioso capítulo do livro que lançou por último, ressalta Vera:

> É interessante como Dostoiévski antecipou Freud na compreensão do que se chama adolescência, fase de elaboração de perdas, da falta, sobretudo do desligamento da autoridade paterna, o que, segundo o pai da psicanálise, "constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento". (...) Vimos com Lacan – que chamou de "o nome-do-pai" essa marca paterna – que, mesmo Viersílov não tendo exercido a paternidade, ainda assim preservou a sua função simbólica portadora da Lei. Afirma: "(...) no nível da realidade, podemos dizer que é perfeitamente possível, concebível, exequível, palpável pela experiência que o pai esteja presente mesmo quando não está".

A propósito de um artigo meu, "Exupéry, a miss e o Pequeno Príncipe cearense", comentou:

> O escritor Carlos Emílio Corrêa Lima criou uma lenda para si mesmo: a de que não era filho dos pais bio-

lógicos, e sim, da belíssima irmã Emília – Miss Brasil em 1955 – e de um escritor mundialmente famoso, e ás da aviação, ninguém menos que o francês autor de *O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry.

Essa história é muito rica do ponto de vista psicanalítico porque nos remete ao que Freud chamou de "romance familiar", ou seja, a fantasia em resposta ao sentimento de abandono e da suposta hostilidade dos pais ao filho na infância. Essa fantasia parte do desejo de se ter um pai herói e uma mãe bela. (Acrescentando que, na lenda da origem do herói, como diz o psicanalista Otto Rank em *O mito do nascimento do herói* (1909), esse vem sempre de longe ou nasce em situações inusitadas em caixas, conchas, pedras, cestos, sempre jogados nas águas, como Moisés, por exemplo). Há ainda, segundo Freud, uma evidência de fixação na vida infantil e mesmo o sentimento de não ver correspondidas as próprias inclinações na pré-adolescência, que se convertem na ideia de que se é um enteado ou filho adotivo.

Outra explicação possível é que, sendo grande leitor e talentoso escritor, Carlos Emílio pode ter imaginado que, do mesmo modo que a personagem proustiana, a belíssima duquesa de Guermantes, era ele filho de um pássaro com uma deusa. Segundo o narrador proustiano "[ela] era dessa raça tão particular no meio do mundo (...) pois parecia surgida, nas eras mitológicas, da união de um pássaro com uma deusa." Assim, talvez, para Emí-

> lio, o "pai" piloto, que vem de muito longe como um pássaro de prata, e a "mãe" bela como uma deusa (grega, no caso da irmã Emília), formavam os pais perfeitos para o mito do seu nascimento de herói.
>
> É curioso ainda observar que ambos os irmãos receberam o mesmo nome, o que pode ter possibilitado a forte identificação dele, Emílio, com a irmã, Emília, mais velha, como se fosse seu duplo, seu filho, e, ainda, ela mesma.

Quando publiquei a história no livro *A noite em que dei autógrafo a Belchior*, acrescentei-lhe a análise de Vera, como expressão de agradecimento mas também, confesso, em causa própria, por tornar o que escrevi muito melhor, mais rico, mais interessante...

Esta, a literatura de Vera Lúcia de Oliveira: profunda, mas não incompreensível; substanciosa, mas não pesada; erudita, mas não obscura, sem o pedantismo e a arrogância de acadêmicos cujas elucubrações poucos entendem, às vezes nem eles próprios...

Aplica-se ao texto de Vera o que afirmou Affonso Romano de Sant'Anna sobre duas obras de Lucia Miguel Pereira, *A leitora e seus personagens* e *Escritos da maturidade*:

> Experiência interessante esta, em nossos dias, de ler ensaios onde o autor não pretende ser mais "inteligente" que seu tema ou seu autor. Ou seja, a inteligência consiste não em fazer maquinações eruditas, mas em

disponibilizar, desdobrar o texto alheio e o pensamento próprio num aliciante diálogo com o leitor.

Não por acaso, inscreve-se o nome de Vera Lúcia de Oliveira na linhagem a que pertencem críticos com a relevância de Otto Maria Carpeaux, Lúcia Miguel Pereira, Tristão de Athayde, Antonio Carlos Villaça, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Wilson Martins, José Castello e o próprio Affonso Romano de Sant'Anna.

Despeço-me com as palavras que disse, há dois anos, a Vladimir Carvalho:

Estivéssemos todos sentados a uma grande mesa, o lugar mais importante seria o vosso, Confreira que chegais, fosse qual fosse o assento que ocupásseis. Parodio a sábia sentença de Dom Quixote a Sancho Pança: "Onde está a cabeça está a cabeceira". Vós sois a cabeça, Vera Lúcia de Oliveira!

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE DE VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Boa noite a todas e todos os amigos queridos que vieram me prestigiar nesse momento tão especial em que passo a fazer parte do seleto grupo de escritores da Academia Brasiliense de Letras – ABrL, cujas presenças muito agradeço.

Saúdo o Senhor Presidente da Academia Brasiliense de Letras e da Associação Nacional de Escritores, Fabio de Sousa Coutinho,

Saúdo o Vice-Presidente, Dr. Roberto Rosas,

Saúdo o Secretário-Geral e meu amigo querido, Edmílson Caminha, que me recepcionará hoje nesta Casa;

Saúdo as senhoras e senhores acadêmicos!

Quero agradecer também a presença da minha família: o marido Paulo Roberto, os filhos João Paulo e Bárbara, a nora Babi, os netinhos, Clarice, Marcel e Martina. Meu irmão mais velho Valdir, representando os irmãos ausentes - dois de dolorosa e definitiva ausência -, cunhadas, sobrinhas, sobrinhos e primos. E, também, os, agora, confreiras e confrades.

Coube a mim, por generosidade dos amigos que me elegeram, ter como patrono da Cadeira 38 Raul de Leoni, poeta nascido em Petrópolis, RJ, em 1895. Foi autor de um livro só, intitulado *Luz mediterrânea* (1922), pois quis o destino que morresse moço, em 1926. Ninguém precisa morrer aos 31

anos de idade! Esse único livro, no entanto, vale por muitos. Não por acaso tenho a honra de aqui homenageá-lo por sua poesia que tanto me agrada e me representa com seu conteúdo filosófico, profundamente artístico e de elevação espiritual.

Identifico-me também com sua precocidade, ele que, muito jovem, foi diplomata, deputado, inspetor de seguros e grande viajante; eu que aprendi a ler aos quatro anos e meio de idade, quando contratei, para espanto da minha mãe, dona Odete, a mestra dona Teresa Carneiro; em seguida comprei um caderno, um lápis e uma borracha no armazém do Zelão e mandei pôr na conta do meu pai, seu Dozinho. Isso na vizinha cidade de Luziânia, onde morávamos e onde vive a família há mais de 150 anos.

Dessa forma, preparado o material, iniciei a maior de todas as minhas aventuras: viajar pelo mundo das letras, das palavras escritas em folhas brancas, meu primeiro encantamento, minha primeira epifania. Como Alice ao atravessar o espelho, encontrei um mundo maravilhoso nas páginas dos livros. Quem teria inventado coisa tão maravilhosa? Eu me perguntava. Não há nada mais belo que a palavra. Palavra que me levou para terras distantes nos livros de histórias, desde o primeiro *O bicho folharal,* e outros que me fizeram voar com nostalgia para lugares de sonho em que, pensava, nunca poria os pés...E que se tornaram minha profissão de uma vida inteira como professora de Literatura; paixão que me acompanha e sempre me acompanhará vida afora. A partir daí, a leitura

entrou na minha vida, e tempos depois, a escrita. Escrever sobre autores e livros tem sido o prazeroso trabalho a que me tenho dedicado.

Mas vou falar do poeta Raul de Leoni, que foi um estranho no ninho. No momento em que os jovens poetas e outros artistas proclamaram o Modernismo, na Semana de 22, lançava ele o seu *Luz mediterrânea*, que não só não se vinculava a essa ruptura com o passado, como criticava os seus excessos, uma vez que continuava identificado com a poesia do século 19, num ecletismo de estilos que primavam pelo apuro da forma, como o Parnasianismo, com o idealismo platônico e a melancolia do Romantismo e sobretudo pelo misticismo, espiritualidade e pessimismo filosófico do Simbolismo. Talvez o que melhor explique esse gosto literário seja sua alma delicada e atemporal e uma premonição da curta existência. E, de acordo com o crítico Lyra Neto, Leoni não aderiu ao Modernismo em razão de seu vínculo à classe dominante e formação na disciplina cristã.

Quero falar também do ocupante desta Cadeira 38, o cineasta Vladimir Carvalho, a quem a partir de agora tenho a honra e a alegria de suceder. Cadeira ocupada anteriormente por Branca Bakaj, professora e intelectual da maior importância que muito fez pela cultura da nossa capital. Assim, falando do poeta e do cineasta, falo um pouco de mim, da minha identificação com ambos: o poeta "moço-velho", Raul de Leoni e o cineasta "velho-moço", o saudoso amigo Vladimir Carvalho. Chamo "velho" ao moço poeta de 31 anos recém-completados

por ocasião de sua morte, e chamo de "velho-moço" o cineasta de quase noventa anos. Isso porque a poesia de Raul de Leoni é nostálgica, de emoção contida, intelectual, muitas vezes pessimista, sem os arroubos e sonhos próprios da juventude. Já o cinema de Vladimir Carvalho é vibrante, de luta e coragem diante da vida, pura emoção. Identifico-me, portanto, com ambos os artistas tanto na busca filosófica da vida, das coisas do espírito, quanto nas lutas da sociedade. São dois artistas extraordinários que deixaram seus nomes impressos na nossa memória literária e cinematográfica, dois universos que se complementam.

Assim estamos aqui: o poeta de Petrópolis de versos refinados e cosmopolitas e o cineasta documentarista paraibano que, desde 1969, escolheu como seu lar Brasília, cidade que lhe deu duas asas para voar alto e que o viu aterrissar no lendário Cine Brasília, onde foi velado por ocasião de sua morte, em novembro de 2024, e agora homenageado com a Sala de Cinema Vladimir Carvalho. Como ele, eu mesma, vivendo nesta cidade desde os 14 anos, buscando voos mais altos nas asas de Brasília por meio do estudo e da cultura, no mesmo Cine Brasília vivi os melhores momentos da minha adolescência assistindo a filmes inesquecíveis. E ainda nos Cine Cultura e Bruni, dos primeiros da cidade, fascinada que era, desde pequena, pelo mundo mágico do cinema, quando assisti ao primeiro filme de minha vida, "Deus lhe pague", filme argentino baseado na peça do brasileiro Joracy de Camargo. Devo dizer que, diante de tal magia, alternava o olhar entre a tela e o pro-

jetor. Não me cansava de admirar como é que podia aquele facho cheio de partículas flutuantes de luz virar imagem na tela branca. Foi o meu primeiro espanto diante da Arte! O cinema foi não só a janela, mas uma porta que se abriu para o mundo na minha infância. Ia ao Cine Teatro Planalto, único da cidade, três vezes por semana e ainda às matinês dominicais para torcer pelo Zorro e o companheiro Tonto, encantar-me com Rim-Tim-Tim e todos os heróis que deliciavam as crianças.

O cinema trazia-me sempre uma nova ilusão, uma nova experiência, mostrando que o mundo era vasto. A tela do cinema foi por onde viajei sem passaporte, democraticamente levada pelas mãos da generosa indústria cinematográfica que permitia que pessoas de lugares distantes vissem as maravilhas do mundo inteiro por alguns trocados e umas balinhas no bolso. Vi Moisés abrindo o Mar Vermelho em "Os dez mandamentos". Como não perder o fôlego diante de tal milagre? Não tinha visto até então nada tão impactante. Como ver filmes aos onze, doze anos de idade e guardá-los na memória? Somente pela força da representação artística, pela verdade que as obras-primas transmitem às pessoas, mesmo crianças, mas já atraídas pelo belo da Arte.

Anos mais tarde, descobriria o cinema de Vladimir Carvalho, que, como disse, foi de luta. Ao contrário do poeta Raul de Leoni, que olhou para a tradição europeia, o nosso Vladi olhou para a realidade brasileira, para o interior do país, com temas políticos e sociais, pelo que merece a nossa reverência.

Vladimir, nos anos de 1950, ingressou no mundo do cinema pela palavra escrita, pois era crítico cinematográfico dos jornais "A União" e "Correio da Paraíba", de sua cidade Itabaiana, na Paraíba, onde nasceu em 1935. Disse que tinha uma dívida com a literatura do Nordeste, que o inspirou. Iniciou a carreira como corroteirista do filme "Aruanda", de Linduarte Noronha, considerado um dos filmes que deflagraram o Cinema Novo Brasileiro. Em 1962, realizou o curta-metragem "Os romeiros da guia", verdadeira joia, com a codireção do também paraibano João Ramiro Mello, de quem tive a honra de ser amiga e colega de trabalho na Secretaria de Cultura do GDF. Presto aqui também minha homenagem a esse artista, um dos maiores montadores de filmes do Brasil, tais como o icônico "O engenho de Zé Lins" e de filmes de Glauber Rocha. Glauber, que foi amigo e colega de faculdade de Vladimir, em Salvador, onde estudou filosofia.

Os documentários de Vladimir são poemas em forma de imagens em movimento, pura emoção; sem exagero, obras-primas da nossa história, a exemplo de "O país de São Saruê", que foi proibido durante toda a década de 1970 pela ditadura militar, por mostrar o Brasil profundo, da seca e da fome, tão diferente do país bonito que a propaganda do regime queria fazer crer. Como Homero, ele mostrou a saga do sertão nordestino, por meio de um belíssimo poema narrado seguido de imagens e depoimentos. Mostrou a fome e a sede, mas pagou caro, pois o filme foi retirado do Festival. E Vladimir mostrava, corajosamente, e sem perder a ternura, por diferentes ângu-

los de suas lentes, outro Brasil, o do sertão da fome. Já na cena inicial de "O País de São Saruê", vemos cactos com galhos em forma de cruz, como seres de braços abertos pedindo socorro ou um abraço do céu. E os bois mortos, esquálidos, estirados no chão árido, quase uma Guernica de Picasso... "O país de São Saruê" não é para os fracos, é um soco no estômago da digestão bem-feita do país do faz-de-conta daquele momento histórico.

Em outro documentário, "Vila Boa de Goyaz", de 1974, Vladimir mostra a saga da antiga capital goiana, com a presença mítica de Cora Coralina, a poetisa-doceira cheia de luz e humanidade. Na década de 1980 realizou "O homem de areia" e "O evangelho segundo Teotônio". E em 2006, "O engenho de Zé Lins". Esses filmes espetaculares são belíssimas e importantes aulas magnas de história do Brasil que deveriam ser matéria de escola. E o mais poético de todos, "Cícero Dias, o compadre de Picasso", de 2016.

Os dez longas-metragens de Vladimir são a realização da frase "Tem cinema!", gritada pelo menino de nove anos em resposta ao pai cinéfilo, que o encarregava de ver se o trem havia trazido novo filme para sua pequena Itabaiana. Esse grito "Tem cinema", desde então, tem ecoado Brasil afora pelo trabalho do genial documentarista, respeitado e consagrado no Brasil e no exterior, retratando tanto o Nordeste quanto a nossa Capital, a exemplo de "Barra 68", de 2002, sobre a brutal invasão das tropas militares na UnB, onde Vladimir foi professor e de quem quase fui aluna quando fiz algumas dis-

ciplinas no Curso de Cinema. Fez ainda "Vestibular 70", quando fui estudante de Letras, naqueles tempos bicudos, e pouco mais tarde, aluna do Mestrado em Literatura. Passei sete anos de minha vida nessa amada universidade, que é fortemente identificada com a nossa cidade, motivo de orgulho para os brasilienses.

Vladimir mostrou ainda a geração que fez a música que consagraria a cidade em "Rock de Brasília" – Era de ouro", de 2011. Sem esquecer o premiado, aqui e na França, "Conterrâneos velhos de guerra", de 1990, sobre os primórdios da construção da Capital com a dureza e sacrifício dos milhares de migrantes, sobretudo do Nordeste, que desbravaram com o suor, e o sangue de muitos, o cerrado inóspito na Marcha para o Oeste, no sonho de democratização de JK.

Vladimir reuniu durante toda a vida uma coleção inestimável de material que preserva os principais momentos do cinema brasileiro, chamada de "Cine Memória". Lutou bravamente pela destinação desse riquíssimo material, que, para espanto de todos nós, quase não encontrava quem quisesse recebê-lo - de graça - é preciso ressaltar, para a preservação da história do cinema nacional, o que só conseguiu poucos dias antes de morrer. Ouvi dele a queixa sobre o total descaso das autoridades nos últimos governos quanto à importância desse material, mantido com recursos próprios, em belíssimo "museu" em sua casa na W3, preparada exatamente para acolhê-lo.

Um missionário do cinema, o nosso agora conterrâneo velho de guerra. Não seria exagero chamá-lo "Quixote do

Cinema", pois lutou contra os moinhos de vento da ditadura, da censura, da má vontade dos governantes, da falta de recursos financeiros, mas não desanimou nem perdeu a alegria e o bom-humor, sua marca registrada, pois sonhava o sonho dos idealistas, acreditando no futuro, no valor da arte para a democracia e a liberdade!

Senhoras e Senhores!

Poderia falar longamente sobre o amigo querido, mas, finalizo, neste momento, para não correr o risco de ouvir das confreiras, confrades, amigos e familiares aqui presentes, o que disse Cícero a Lúcio Sérgio Catilina no Senado de Roma: "Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?"

Assim, agradeço mais uma vez a presença de todas e todos nessa noite memorável para mim, em que tive a honra de falar de dois grandes artistas brasileiros. É fácil falar dos grandes!

Muito obrigada!

RECEPÇÃO DE ANDERSON BRAGA HORTA A RAUL DE TAUNAY

Escolho a poesia como o signo por excelência da produção literária de Raul de Taunay por mais de duas razões: pela precedência e pela prevalência do gênero em sua obra (presente em oito dos volumes até agora publicados), pela figura do autor, que me transmite semelhante impressão, e ainda —perdoem— por me sentir a mim mesmo antes voando nas imaginações ou mergulhando nos terrores do poeta que me enredando nas teias da narrativa ou me enfronhando nas instâncias do ensaio; mas talvez acima de tudo pelo transbordamento do lado poeta na personalidade de Taunay, a ponto de ao lado prosador refluírem, vezes tantas, alguns de seus mais notórios movimentos poéticos.

Do canto forte em louvor da cidade inovadora ao hino humilde e amoroso à solidão herculeamente emblemática do buriti plantado no grande sertão, do vislumbre de um oásis no coração do Cerrado à incendiária juventude do artista a povoar as imensidades de seus temores e sonhos e seminais alegrias: tal a paleta do poeta nos cinco poemas iniciais de *Urbe Extrema: versos brasilienses*. São eles o simpático portal para o reconhecimento da Cidade como o marco monumental levantado pelos brasileiros qual bandeira e bússola da tomada em mãos do mais pródigo definir da própria nacionalidade.

Já em "Versos Malfadados" o poeta se assume como o buscador de si mesmo, indiferente à repressão dos ultras que tolhem os movimentos da alma, tentando impor à arte uma extrema contenção que lhe pode embaraçar o livre ser e fazê-la, contraditoriamente, cair no "requinte empolado", artifício sem vida. Sem deixar, todavia, de perseguir a boa arte.

No poema seguinte, "A Voz", aprofundando essa profissão de fé no mergulho ao imo, indaga-se:

> Que voz é essa que fala dentro de mim,
> uma rima tristonha, um som desgraçado,
> um canto de mágoas aflitivo — torturado?

E vai, versos adiante, expondo a própria dor, sem dela nos fornecer explicação direta e cabal. Ao pensar nisso, à luz da confissão maravilhosa de um de nossos maiores —"o poeta é um fingidor"—, sentimo-nos perturbadoramente intrigados: como pode um homem como esse, descendente de gloriosa estirpe literária e ele mesmo um vitorioso nas letras, privilegiado conhecedor do mundo, exibir em poemas não apenas as delícias da vida e do amor, mas também tanto e tão fundo amargor? Com efeito, descende nosso poeta de ninguém menos que o Visconde de Taunay, consagrado autor de *A Retirada da Laguna* e do romance *Inocência*, por esses e outros títulos uma das vozes ainda hoje persistentes de nosso Romantismo.

O mistério da alma do poeta! — Mistério, em verdade, da alma humana, em qualquer lugar, em qualquer tempo, sei lá se em qualquer dimensão! — A vida pode ser aventurosa,

e venturosa. Pode ser rica, ardente de emoções, amizades, criações, alegrias; pode ser isto e aquilo, em vibração ascendente, que o ser humano, em algum momento, cismará de inverter em queda, em melancolia, íntimo remorso imotivado, arrependimentos de nada, desfalecimentos insustentáveis. É o que me vem à mente depois de repassar, em silêncio, páginas tão brilhantes como as que sobem da trepidante vida do poeta. Creio que já senti isso e quiçá o tenha escrito, ao comparar os êxitos de outro poeta (e diplomata), Olegário Mariano, coberto de glórias na vida e nas letras, à melancolia instalada em versos como

> Dona Tristeza vive comigo
> No meu castelo de gosto antigo.

Teria a ver com os exílios da diplomacia? Não sei, confesso uma teoriazinha a respeito. Diria que é uma tristeza literária, ao gosto romântico-simbolista. (Mas que sabemos nós de coisas do fundo da alma?) E que tem tudo a ver com a pergunta que me fiz, como quem já parte de uma afirmação, no poema "Balões", de *O Pássaro no Aquário*: "Por que é triste a beleza? // O belo perceptível / é uma ilusão de abraço / entre o aqui e o invisível. // É mera tentativa, / a beleza tocável, / de ponte —escassa e breve— / entre o real e o ilocável. // Por isso o belo é apenas / o sustentar de um dó, / e sua fruição / cabe num peito só. // É gesto solitário / antes que a ansiada união. / Arremedo de céu / que estoura ao rés do chão." Mas que o poeta persegue inexoravelmente.

Vem-me agora: É como se o poeta vivesse várias vidas, além da própria (ou da atual...) para poder vivenciar intimamente e lançar no papel tantas e por vezes tão contraditórias meditações acerca do humano. Por sorte, entretanto, cria também, como que do nada, rutilações com que nos asperge o espírito (a alma?) e nos consola nos percalços... Mas vejo que vou me perdendo em divagações nebulosas. Voltemos a Raul de Taunay, que neste passo eleva-se, erguendo ao ar supostos "andrajos":

> A mesma folha caída que no chão é tapete ou tropeço,
> Nas hastes altas das ramas, é broto, é vida, recomeço.
> .....
> É primavera, tímida, silenciosa, qual borboleta em ação,
> Sou eu a fazer versos dos meus andrajos em ebulição.
>
> (*Poemas ao Desabrigo* – "Andrajos")

Fico tentado a continuar na transcrição de fragmentos ilustrativos de sua multiplicidade, mas vou optar, afinal, pela integralidade de dois poemas configuradores de momentos diferentes de sua expressão poética. Primeiro uma composição introspectiva, das mais bem-sucedidas, acho, colhida em *Poemas ao Desabrigo*:

POEMA AMENO

Entregue a esta procura, vivo recluso;
Da fortaleza desta solidão amena,
Inclino-me ao colorido das formas.

Meu mundo é a flor mais simples,
Meu coração agradecido supera-se,
Entrega-se, navega pelo azul-turquesa,
Do mar instável que sacode ao mais profundo,
O interior de tudo...

, lá no fundo,
Bem nas profundezas,
Da cavidade do abismo,
Onde o verso sangra sem forma,
Eu me escuto a dizer nada.

E agora um canto épico, pungente, de solidariedade a uma África pujante e espoliada, representando aqui a posição do poeta diante de um mundo que ainda precisa crescer, para que o amor se expanda e para que se faça a justiça. Está em *Meu Canto Aberto:*

ÁFRICA MAMÃE PÁTRIA

(Dedicado ao poeta Agostinho Neto, fundador da República Popular de Angola, ao romancista Manuel Pacavira e ao valoroso povo angolano que há mais de vinte anos se defende da ingerência externa.)

O poeta negro das verdes matas angolanas
já cantava sozinho, em versos torrencialmente simples:
"África mamãe terra
África mamãe Pátria"
e o seu canto espalhava pedaços de libertação.

"África mamãe terra
África mamãe Pátria"
cantava ao olhar passar a lânguida Nzinga Mbandi,
crioula formidável,
mulher dessas fitas de puxar o rosto,
amarrar a testa,
alçar os peitos,
pôr o rabo a pino
qual bicha-fera-ferida.
"África mamãe terra
África mamãe Pátria"
e tremeluzia, qual estrelas, o grave canto do poeta Kimbundo.

*"**África mamãe terra***
***África mamãe Pátria**"*
África dos que "tretam" com a suavidade da tarde morna
no doce não fazer nada.

África das povoações dos filhos das praias,
dos guerrilheiros filhos da Pátria
que se reuniram aos outros filhos do Poeta-Soldado.

África das mulheres à berma lavando,
África de tantas Áfricas dentro de uma só,
África à sombra da árvore,
à beira do rio,
do ouvido atento à chegada da chuva.

África do ajuntamento dos filhos da terra,
África do piar lúgubre e arrastado de um molho algures,
do cacarejar do Kuanza e do Lukala,
de cujas margens já se ouviu passar
um tropel de gente aos clamores da guerra.

África da toada triste e do lamento
que vem das recâmaras da alma.
África da linda Zninga quando sai ao fontanário
e das raparigas de rodilhas na mão
e sangas deitadas na cabeça... daquelas que arrumam as "kijimas".

África das canoas, dongas e quimbalas amarradas
à esperança dos corações populares.
África dos que me receberam e saudaram
trocando olhos de boas-vindas.
África daqueles tempos,
do negro poeta das matas verdes
que não se cansou de me repetir
com tufos na voz embargada:
"sempre juntos,
camarada brasileiro das verdes matas em frente."

Talagadas de Prosa

Falamos da poesia. Cumpre falar da prosa, de que temos, aliás, belo exemplo no recente número 131 do *Jornal da ANE*,

de julho-agosto/2025: "O Velho de Kurfürstendamm", sobre um velho em sua primeira atuação como mendigo.

Visitemos, entretanto, *A Poesia Cura (uma trilogia poética)*, na qual encontramos observações interessantes sobre poesia, ao lado de poemas dos mais maduros do autor. Dos trechos em prosa ressuma a alegria de viver, e uma filosofa de vida que repele o pessimismo e a autoexecração, sem, todavia, se deixar embalar por este ou aquele otimismo ingênuo. Uma filosofia de vida que provém, é fácil ver, dos ensinamentos de Cristo.

São magníficas estas palavras de exaltação às mulheres: "rainhas e mães", merecem "nossa devoção, nossa paixão, nosso agradecimento pelo muito que fizeram pela civilização" (pág. 144). Uma bela e compreensiva declaração de amor, que ele desenvolve largamente, para afinal a resumir, duas laudas adiante: "mulher de ontem, de hoje e de amanhã; mulher Maria, mãe de Deus; mulher Maria, minha mãe; mulher Maria, minha mulher; e todas as Marias e demais mulheres que fecundam este planeta com seu amor surpreendente".

Na página seguinte vamo-nos surpreender com isto: devemos "compreender que a vida é melhor se não tiver qualquer significado e que a originalidade não é saber o que escrever e sim sentir o que jamais se escreverá".

Capto em sua prosa um lúcido pensar o mundo e um atrevido pensar a vida, atividade a que tantos de nós nos entregamos, alguns até com certa originalidade ou certa graça, não obstante nenhuma garantia de sequer nos aproximarmos

da verdade. Isso é verdadeiramente muito bom; mas o melhor é que sua prosa tanto se transfunde em poesia que às vezes me ponho a indagar se é melhor a que vivifica os seus versos ou a que perpassa esta outra vertente.

No duro mesmo, ele é capaz de cantar tudo, em prosa ou verso, desde a paixão mais desregrada até o sonho —talvez realizável— de cozinha, no delicioso "Verso Refogado" (pág. 221); e de tudo falar, da mulher à política, do Brasil à África, do terreiro ao sonho, dos males do exílio à esperança para o mundo e a humanidade, que tem sabido descrever com paixão em suas ficções e em seus poemas. Enfim, pode o poeta, neste provisório final de vida e obra, de volta do conturbado mundo a esta Brasília túrgida de radiosa esperança, dizer que "é um tempo de quietude" e oferecer o próprio coração.

A Modo de Conclusão

Visto e ponderado quanto ficou dito, parece claro que poderíamos escolher dentre dezenas uma ou inúmeras qualidades do cidadão, servidor e poeta Raul de Taunay que pudessem concentrar exemplarmente a sua posição ante a experiência vital do homem sobre a Terra. Tranquilamente opto por uma: a aceitação da vida. A plena, consciente e serena aceitação da vida. E quando assim o digo não quero nem por sombra falar de passiva resignação: falo da luta que se há de travar constantemente pela ascensão e pela transcendência... mas nada de renúncia inútil, antes com a fruição possível dos frutos que se nos ofereçam.

Adendo Biobibliográfico

Brasileiro nascido em Paris (1949), Raul de Taunay é poeta e autor de romances, teses, monografias e ensaios, havendo exercitado ao longo dos anos duas atividades: a literatura e o serviço exterior, como diplomata de carreira. Durante os anos de faculdade, na PUC do Rio de Janeiro, escreveu um caderno de versos denominado *Visuais de Aquário*, que mais tarde integraria, junto a outros trabalhos, o seu primeiro livro: *Poética do Novo Bardo*, editado e lançado no Brasil sob o selo da Geni.

Aprovado em todos os exames e fases do Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, do Instituto Rio Branco, ingressou na faina diplomática em 1974, exercendo desde então funções políticas, negociais, culturais, administrativas e comerciais, em postos no exterior —Paris, Roma, Praga, Milão, San Juan de Porto Rico, Luanda, Moçambique, Harare, Brazzaville, Abu Dhabi, Túnis, Cairo, Trípoli, Kuala Lumpur, Pyongyang—, e várias outras missões temporárias na África e na Ásia. Na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília, desempenhou funções no Departamento Geral de Administração, no Departamento de Promoção Comercial, na Secretaria-Geral das Relações Exteriores, no Departamento de Ciência e Tecnologia, no Departamento do Oriente Próximo, no Departamento da África e na Assessoria de Relações com o Congresso, do Gabinete do Ministro de Estado. Ascendeu a todos os escalões da carreira (terceiro, segundo e primeiro-secretário, conselheiro, ministro de segunda classe),

sendo promovido ao topo da pirâmide —Ministro de primeira classe/Embaixador— em 2009. Nesse mesmo ano, pelo papel desempenhado no processo de pacificação do Zimbábue, o Presidente da República outorgou-lhe a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco.

Como escritor e intelectual, foi avaliado por poetas, romancistas, pensadores tais como Carlos Nejar, Dinah Silveira de Queiroz, Cyro dos Anjos, Aurélio Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes, Nélida Piñón, Ana Miranda, Antonio Carlos Secchin, que o inspiraram a embrenhar-se definitivamente pelos caminhos da literatura, num mundo em cuja complexidade, por dever de ofício, foi compelido a atuar profissionalmente, e que lhe serviu de cenário para seus romances e versos; sem falar em outros que sobre ele escreveram, como Daniel Moreno, Jorge Viveiros de Castro, Márcio Catunda, Nicolas Behr, Raimundo Fagner.

Nessa trajetória, conservou-se fiel a um imaginário sutil e poético marcado pelo lirismo, o entusiasmo e a delicadeza com que se expressa em palavras. O plenário da Academia Brasileira de Letras outorgou-lhe em dezembro de 2005, por unanimidade, a Medalha João Ribeiro por toda a atividade cultural desempenhada ao longo da vida.

Recentemente, o Presidente da Academia Brasiliense de Letras (ABrL) e da Associação Nacional de Escritores (ANE), o escritor, professor e advogado Fabio de Sousa Coutinho, proferiu o seu lúcido arrazoado de apresentação do último livro de Raul de Taunay, *A Poesia Cura, uma Trilogia Poética* (em verso e prosa).

Nesse texto, "Razão e Sensibilidade", Coutinho tece, entre outras, as seguintes considerações: "cuida-se, a rigor, de uma extensa e culta autobiografia poética, composta de transpirados poemas, de reflexões que traduzem a dimensão ética e estética que o Autor imprimiu à sua existência... *A poesia Cura* é, sem favor, uma das mais lúcidas, densas e completas manifestações do Espírito que se podem oferecer aos leitores lusófonos, em nossos dias."

Principais obras: *Poética do Novo Bardo* (poesia, Gráfica/Editora Geni); *O Menino e o Deserto* (romance, Editoras Vignoli e Anima); *Meu Canto Aberto* (poesia, Thesaurus Editora); *Meu Brasil Angolano* (romance histórico, Editoras Record, Prefácio, de Lisboa, e Pandorga); *Rosas da Infância ou da Estrela* (poesia); *Urbe Extrema, Versos Brasilienses*; *O Andarilho de Malabo*, internauta em verso e prosa, dois livros geminados (um de poemas e o outro de crônicas); *Poemas ao Desabrigo* (estes últimos da 7Letras); *A Lucidez da Lenda: um ensaio sobre o futuro* (romance, Editora Pandorga); *A Poesia Cura, uma Trilogia Poética* (história e tratado da arte poética e seus efeitos terapêuticos sobre a sociedade, Editora 7Letras).

***

Fortes razões tenho eu para considerar a solenidade desta noite algo muito especial. Giramos em torno da cadeira n.° XXVIII da Academia Brasiliense de Letras, patroneada por Olavo Bilac, altíssimo poeta que, ao lado de outros de seme-

lhante envergadura, nos iluminou a iniciação no mundo dos versos a mim e a José Jeronymo Rivera, no ano santo de 1950, na cidade mineira de Leopoldina; e como que nos abençoou o diálogo mantido desde então, nas línguas da poesia e das prosas de uma cumplicidade vital, na condição de amigos, compadres e companheiros de letras, notadamente na tradução de poesia, em que Rivera se consagrou mestre. E não menor motivo, naturalmente, na sucessão de Rivera por este outro amigo e poeta que é Raul de Taunay.

Quero selar esta oração com um cumprimento às senhoras e senhores presentes, particularmente à esposa do empossando, Maria Paula de Taunay, doutora em educação pela UnB; aos filhos, Daniel, Beatriz e Paulo Fernando, presentes; Marek, residente em Praga, Raul Afonso, o caçula, trabalhando em nosso consulado em Nova York, e Kristian, o primogênito, em memória; à irmã Laura d'Escragnolle Taunay; ao amigo e colega da Faculdade de Direito da PUC do Rio de Janeiro, Dr. Geraldo Ferreira de Araújo. E concluo com este coletivo abraço: Bem-vindo à Academia Brasiliense de Letras, Escritor Raul de Taunay.

Brasília, 5 de setembro de 2025

DISCURSO DE POSSE DE RAUL DE TAUNAY

5 de setembro de 2025

Senhor Presidente da Academia Brasiliense de Letras, eminente Dr. Fabio de Sousa Coutinho;

Senhor vice-presidente da Academia, eminente Dr. Roberto Ferreira Rosas;

Senhor Secretário-Geral da Academia, eminente acadêmico Edmílson Caminha,

Nobre acadêmico Anderson Braga Horta, a quem agradeço pelas palavras tão plenas e generosas que muito me honraram,

Demais acadêmicos honoráveis desta instituição;

Senhores professores, caros colegas e amigos diplomatas, autoridades presentes.

Minha mulher, Maria Paula, a quem devo tanto e muito mais,

Meus filhos, familiares e amigos queridos.

Este coração está em festa com a presença de todos vocês.

O tempo passa e a gente pensa que encontrou sua medida e que já viveu todos os momentos importantes, quando, de repente, descobrimos com surpresa alguma novidade despontando no horizonte de nossas vidas.

Assim se deu comigo. Quando menos esperava, a Academia Brasiliense de Letras assumiu seu particular fascínio sobre mim, dando novo sentido ao meu retorno ao Brasil, e fazendo-me reviver Montesquieu que dizia o quanto é gratificante e reconfortante conviver com pessoas eruditas que muito leram e escreveram.

Com esse atestado de "achamento" em mãos, me apresento hoje neste auditório, de forma despojada, para dizer em alto e bom som:

Caros confrades e confreiras, muito grato por me aceitarem entre vocês.

Meu caminho foi longo. Precisei aprofundar-me inúmeras vezes ao relento das estrelas para atingir um momento como este, em que me sinto elevado e disponível para cumprir da melhor forma este rito de incorporação à Academia Brasiliense de Letras, na Cadeira 28, cujo Patrono, Olavo Bilac, esgotou com seu exemplo o sentido do que escreveu Virgilio, de que a alma move toda a massa do mundo. Pois, foi Bilac que demonstrou ser essa grande alma ao mover a massa da poesia brasileira na direção da lírica, consagrando-se como o principal expoente do parnasianismo brasileiro.

Contudo, não foi Bilac o único defensor da língua a nos legar tesouros literários. Outros escritores notáveis também o fizeram ao ocupar, antes de mim, a cadeira 28 . Refiro-me, pela ordem, a:

- Yolanda Jordão, poetisa, tradutora, ensaísta, pianista e teatróloga. Uma mulher de notável valor, casada com Mário

Gibson Barbosa, outro notável, que era Chanceler do Brasil quando ingressei na carreira.

- o outro antecessor foi Clóvis Sena, jornalista, redator da Câmara dos Deputados, Tesoureiro Geral da União Nacional dos Estudantes, Presidente do Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados, Presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, detentor do Prêmio Nacional de Literatura (1987), membro atuante de várias instituições culturais, inclusive esta; uma personalidade marcante que colaborou em vários periódicos.

- E, por fim, refiro-me com muito respeito e admiração ao meu antecessor direto, o renomado José Jerônimo Ribeiro Rivera, escritor que deixou um vazio impreenchível nesta Academia - e ouso dizer, no coração de um amigo seu de toda a vida, nosso honorável confrade Anderson Braga Horta, a quem me dirijo na esperança de ser preciso nesta justa louvação que faço à memória deste saudoso confrade.

Rivera foi escritor de várias qualidades, inteligência aguda, espírito livre, e que primava pela correção e cuidado que deve cercar o trabalho literário. Nascido no Rio de Janeiro, em 1933, e diplomado em Engenharia, Administração e Economia, veio para Brasília em 1961, onde desenvolveu, na expressão feliz de Perez-Montoro, talentos de poeta disfarçado de tradutor, uma vez que foi dos maiores praticantes da complexa arte de traduzir poemas.

Porém, não era esse o seu único dom. Colaborou em vários periódicos e revistas, escreveu e traduziu inúmeras obras,

a grande maioria delas editada pela Thesaurus, sob a orientação de nosso confrade Victor Alegria, pioneiro em editoria do Distrito Federal, que a tantos autores acolheu nos tempos em que esta terra era ainda virgem de literatura.

Rivera foi também membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras do Brasil, e recebeu, entre outras, o prêmio Joaquim Norberto de Tradução e o prêmio Cecília Meireles de Tradução. No exercício dessas atividades, jamais se deixou levar pela chispa do orgulho, conservando sua personalidade simples, humana, verdadeira, dotado de irretocável senso de integridade moral, de conduta ética, orientando sempre as suas ações pelo senso real da correção no texto.

Tocado pelo frêmito contagioso desse talentoso poeta, e voando, como ele mesmo escreveu, (abrir aspas) "nas asas virginais da fantasia, entre nuvens de sonhos e desejos", (fechar aspas) sinto-me confortável em confessar que eu também senti a poesia enlevar-me pelas amplidões e vazios, e acompanhar-me por todas as etapas de minha vida, como poderosa fórmula a revitalizar energias e aspirações. E quando se trata dessa revitalização, entendo porque os homens passam e partem, mas a instituição permanece e concede pertencimento aos seus membros, que chegam como ativistas de uma continuidade em que mestres do passado e do presente repercutem esta mirabolante panaceia intelectual que revigora e entusiasma.

E não poderia ser esta uma Casa menos augusta se não fosse já consagrada nesta capital como um locus de respeito, não apenas em função de seus eminentes integrantes, mas também por ser a mais antiga entidade do gênero do Distrito Federal. Fundada em março de 1968, teve como o seu primeiro presidente o jurista Hermes Lima, jornalista, professor, ensaísta, além de político influente em sua época e membro da Academia Brasileira de Letras.

De toda essa semeadura histórica, floresceu neste Planalto um jardim literário rico e devocional em suas dimensões culturais, pedagógicas, científicas, espirituais e humanitárias, seguindo os prognósticos de Dom Bosco, de que, na região onde encontra-se Brasília, surgiria uma terra prometida, uma urbe mística, onde tantos vieram, assim como eu, descansar as asas e erguer seus ninhos. Afinal, como diria nosso confrade Anderson Braga Horta, (abrir aspas) "é no altiplano que brotarão as sementes da utopia" (fechar aspas).

E agora aqui me encontro, garantindo-lhes meu compromisso com as pautas literárias, culturais, pedagógicas e sociais desta instituição. Tenho profunda noção do que seja o "espírito de corpo", e sei que, de mim, podem esperar lealdade, camaradagem e dedicação visando sempre a promoção da coesão. Portanto, neste encalço, tomo a liberdade de abrir espaço para relatar-lhes um pouco de mim.

Nasci na Paris do pós-guerra, no distante ano de 1949, quando a cidade ainda guardava as vibrações inóspitas do nebuloso tempo da ocupação nazista. Nasci pois num lugar onde

o azedume da guerra ressoava até então nos corações e comportamentos da população.

Minha família fez-me viver desde criança num mundo de formalidades e deslocamentos, superações e intercâmbios de ideias libertárias. Sou filho de Mary e Jorge d'Escragnolle Taunay, que exerciam as responsabilidades da representação diplomática em várias capitais do Ocidente. Ele, jovem diplomata, ela professora e mãe de sete filhos.

Do lado de meu pai, havia a tradição histórica dos Taunay, transladados ao Brasil no contexto da Missão Artística Francesa de 1816. Meu avô, Raul de Taunay, comandante de Marinha, já octogenário, costumava contar-me a história das várias gerações dos Taunay, até chegar a ele, assim como me transmitia fielmente o ideário de "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", da Revolução Francesa e o papel de Napoleão Bonaparte , que ele admirava tanto, na preservação desses conceitos libertários, que escutei mil vezes na infância.

Do lado de minha mãe, havia o cultivo das leis e o amor pelas coisas simples, os campos, as florestas, os rios brasileiros tão bem expressos na poesia do grande amazonense Paulino de Brito, mestre e amigo de meu avô materno, Pedro Paulo Penna e Costa, um erudito, que foi juiz, poeta e um exímio tradutor das obras de Shakespeare.

Criei-me, portanto, no rigor da tradição e do sentido do dever, girando na roda-viva dos vários idiomas que escutava, até tornar-me um poliglota mirim, muito cedo ainda, mesclando idiomas, padrões e culturas que me serviram de régua

até a idade adulta. Longe da pátria, as influências externas tornaram-se inevitáveis. Com 16 anos, fui estudar em Londres e passei a escrever poemas não apenas nos bancos escolares mas pelas clareiras ervosas dos campos ingleses.

Naqueles ricos gramados a perder de vista, cantei, versejei e toquei minha viola em meio a carvalhos copados, troncos curtos e ramagens amplas, que possivelmente haviam presenciado, no passado, as majestosas marchas dos soldados romanos pelo interior inglês, ou as sangrentas batalhas entre normandos e saxões, envolvendo Ivanhoé e o Cavaleiro Negro, ou mesmo os duelos de Robin Hood, Little John e Frei Tuck contra a soldadesca do Xerife de Nottingham nos bosques de Sherwood, assim como a morte do fabuloso dragão de Wanthley por um cavaleiro desconhecido de South Yorkshire ou tantas outras sagas de amor, guerra e honra que inflavam meu espírito de imaginárias aventuras sentimentais e românticas.

Toda essa natureza, mesclada à efervescência cultural da "Swinging London" dos anos sessenta, com suas bandas de rock e figuras exóticas, me inspirava a escrever versos ao violão como se música fossem. E esses versos brotavam da inocência anímica de buscar o silêncio dos campos, a solidão da madrugada, o sentido arcano do encanto e a configuração de rimas para desnudar o espanto que fervia em mim. E de toda essa ebulição, prevaleceu na memória daqueles tempos a toada " What things they'll bring me", que ganhou o prestigiado concurso poético do pub londrino " Pig and whistle", em 1966.

Com o tempo, onde estivesse pelo mundo, em escolas francesas ou inglesas, me senti inclinado a apreciar as proezas dos livros aventurosos de Alexandre Dumas, Walter Scott e Júlio Verne, as abordagens realistas de Flaubert, o vasto ciclo de romances de Balzac, que retratou primorosamente a sociedade francesa da época, os contos fantásticos de Guy de Maupassant, a obra inebriante do grande Stendhal, e tantos outros autores que me prepararam para a complexidade tocante de Victor Hugo.

Abastecido por esses padrões europeus de leitura e comportamento, voltei ao Brasil para cursar a Faculdade de Direito, e, simultaneamente, entrar no Instituto Rio Branco, me envolvendo assim com os temas elevados da nossa nação, os quais tornaram aquele jovem aprendiz de escritor, com veia quixotesca, num estudante engajado e ardente, com consciência social, a querer mudar o Brasil, sem conhece-lo plenamente, e a tentar ser útil à sociedade sem ter rompido ainda com um passado de frutos literários colhidos exclusivamente nas estantes do velho mundo.

Todavia, essa vida nova de estudos e engajamentos no Brasil foi extasiante, demorada e conscientizadora, e me comeria mil páginas descrevê-la, porém terminou um belo dia quando, formado e concursado, vim morar na 213 Sul, em Brasília - e nada mais foi igual. Num abrir e fechar de olhos, o dever da carreira diplomática me enclausurou em suas rotinas e me levou para longe do Brasil novamente.

A partir daí, não teve jeito: o preceito de Lamartine, de que um homem não seria completo se não tivesse viajado mui-

to ou mudado vinte vezes de vida ou de maneira de pensar, configurou a minha existência como no samba de Gonzaguinha, "deixa a vida me levar", levando-me por uma maturidade cambiante, em que se precipitava sobre mim, onde estivesse, uma chuva de autores de várias nacionalidades, estilos e épocas, a recordar-me constantemente o quanto o mundo devia aos escritores e poetas e o quanto eu ainda desejava ler e conhecer.

E foi assim que tive, junto aos meus deslocamentos e missões, a companhia recompensadora da escrita clássica, da florescência renascentista, do legado lusófono, das tradicionais obras anglo-francesas, dos épicos russos e africanos, dos atalhos indo-chineses, das teses filosóficas e igualitaristas e das erupções literárias brasileiras provocadas pela Semana de Arte Moderna de 1922. Enfim, todo um repertório literário de precioso incentivo a me arrastar por um conduto de aprendizado e entretenimento, em que acabei conhecendo pessoalmente vários escritores de destaque, dentre os quais Cyro dos Anjos, amigo de meu pai, que deu nome a este auditório, e Carlos Nejar, que se tornou com os anos um querido irmão meu. Assim como é um querido irmão o meu colega de faculdade e escritor Geraldo Ferreira de Araújo, aqui presente, autor da obra preconizadora "A Moeda Universal e o Novo Ordenamento Sócio-moral.

Desses contatos, aprendi a distinção que fazia Machado de Assis entre o Brasil oficial e o Brasil real. E, ao reconhecer que fui criado e formado dentro do Brasil oficial, a cada vez

que voltava ao Brasil, fazia questão de mergulhar avidamente nas raízes da cultura popular, ou seja, no âmago do Brasil real, absolutamente fascinante para mim. E, na pegada de Alceu Amoroso Lima, aprendi que, confundindo-se com o rio São Francisco, de norte ao sul, corre uma espécie de eixo de unidade cultural, emendado por estágios evolutivos de tradições e valores, de estruturas sociais e religiosas, de manifestações intelectuais e artísticas, que não cessam de me surpreender até hoje.

Seguindo esse eixo, descobri o mundo carioca de Machado de Assis, o mundo baiano de Jorge Amado, o mundo agreste de Graciliano Ramos, o mundo indomável de Érico Veríssimo, e tantos outros mundos férteis em questionamentos e elucidações de que tanto carecia a minha alma ultramarina - sem esquecer o mundo multifacetado de meu bisavô, o Visconde de Taunay, que me brindou com a sua percepção descritiva e ecológica do ainda desconhecido Brasil despovoado, das matas e borboletas, dos amores e sofrimentos, abrangendo Goiás, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

De tudo o que li, aceitei, de bom grado, o classicismo de ontem e o modernismo de hoje. E o fiz porque no fundo fui adulto quando jovem, e jovem quando adulto, muitas vezes imprudente ao escrever no impulso das fermentações políticas que incendiavam rivalidades rancorosas e passionais. E diante do advento da tecnologia, da informática e da flexibilização da comunicação, procurei descobrir nas redes mestres

e pensadores impregnados de ideais civilizatórios, como forma de conservar viva em mim a esperança transformadora de pacificar as turbulências com poesia.

Menciono a vez que usei a pena ao presenciar as aflições da guerra pela independência em Angola, seguida de uma guerra civil que sangrou durante anos povoações inteiras. Pois lá estive eu, durante meses, a descrever a situação que testemunhava. E, cá me vejo ainda hoje, a buscar um desfecho que faça sentido aos tempos conturbados que vivemos, a idealizar para o Brasil uma pátria justa e irreprochavel que priorize as expectativas e desejos de sua gente.

O mundo atual, assim como o de ontem, regredindo até a era pré-histórica, enfrenta e sempre enfrentou tensões. No espelho trincado das dicotomias entre o oficial e o real, a polarização costuma emergir, fantasmagórica, como epicentro de crises agudas. Felizmente, como as nuvens no céu, as conjunturas na terra sofrem os efeitos de tabuleiros cambiantes. E isso nos instiga a refletir: o que pode um poeta fazer para aliviar os males da humanidade?

Talvez ele possa, diante do mar misterioso, escutar as ondas, ouvir os trovões, sentir na face as ventanias e as tempestades, perceber na linha do tempo o que nos leva da barbárie à angelitude. E, em meio às nevascas, ele possa também reflexionar e se reconciliar com as coisas do céu e da terra. Possa igualmente ele fazer o bem, seguindo o preceito de Tolstoi de que a alegria de fazer o bem é a única felicidade verdadeira. E, do ribeirão que corre por dentro dos poetas,

ele possa escrever, escrever muito, levando sua luz aos corações orvalhados na montanha escura.

Creio na capacidade da literatura para evitar as escuridões mentais e morais;

Creio no arranjo, na combinação e na disposição justa das palavras para fortalecer os alicerces da frase ;

Creio na leitura para desvendar melhor o comportamento humano;

Creio na difusão da escrita, em todas as direções, para aguçar o apetite literário salutar nos jovens de hoje;

E creio vivamente na semeadura paciente da Palavra, sob a luz protetora do pensamento livre, para imortalizar o livro e conduzir a humanidade no caminho da conciliação e da harmonia.

Afinal, os escritores e poetas são os garantes da história e da beleza. Abrem os espaços de revelação. Cultivam o reconhecimento do amor, do prazer, da fantasia e da realidade circundante. Abraçados aos significados e significantes dos registros escritos, saberão vencer os tempos difíceis e suas vidas terão o sentido abrangente de não terem sido vividas em vão.

Em conclusão, arrisco um veredito: a poesia cura. E, a ela, deixarei a incumbência de completar esta já longa fala agradecendo à Academia Brasiliense de Letras, mais uma vez, por receber-me e aceitar-me com tanta fidalguia e cordialidade.

Jamais poderei esquecer essa honra.

De fim a fundo, finalizando, eis então o poema Artesão de minha autoria:

ARTESÃO

Meu poema respira quando pressente nascer,
Ele exala, expira, se estira, como se fosse morrer;
Manuseia e finca na folha sua razão de irromper,
Desnuda o fascínio do verbo ao procurar entreter.

Meu poema é o verso pungente, a pura galanteria,
É mais do que nomes e formas, é a cal da filosofia;
É um território de ação, duelo singelo, sem garantia,
Na obra do artesão, é um castelo lavrado na escrita.

Ele não aspira grandeza, leveza, nem teme o fiasco,
É fragor, estrondo, ruído, o doce garimpo no espaço;
Por vezes, me deixa exaurido, moído em pegamasso,
Nas outras, sua força me embala por cristalino regato.

Meu poema termina inventivo, semeador de toada,
Ou finda num só rabisco, ao resvalar pela estrada;
É um deserto de areia ou o manancial da palavra,
É o abalo em cadeia ou, entre rochedos, a enseada.

Muito obrigado

RECEPÇÃO DE ROBERTO ROSAS A GILMAR FERREIRA MENDES

9 de setembro de 2025

Procuro no livro *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, relatos dos personagens de Mato Grosso na Guerra do Paraguai, gente forte, determinada, até chegarmos a Diamantino, terra do ouro e diamantes, com a saga dos bandeirantes, desde 1728. Vou ao Século XIX, e encontro Joaquim Ferreira Mendes formado na Academia de São Paulo em 1891, com retorno a Diamantino para ser juiz, desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso. Perseguido na política, refugiou-se no Paraguai e retornou ao tribunal com habeas corpus concedido pelo Supremo Tribunal, em 1903. Chegamos, então, a Gilmar Ferreira Mendes, direto de Diamantino para Brasília, e em especial a Universidade de Brasília, orador da sua turma de formatura em 1978. Não parou, foi a procurador da República, e emérito professor da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, por trinta anos, onde voou alto com asas de ferro, ao sol e ao frio. Como afirmou o poeta Fernando Pessoa – construiu castelos com as pedras do caminho, Gilmar é um construtor.

Volto a Diamantino, aquele microcosmo geográfico, no desenho do poeta de Mato Grosso, Manoel de Barros – ***"meu quintal é maior do que o mundo"***, e o mundo de Gilmar cres-

ceu, e foi prestativo ao organizar a poderosa e importante Advocacia Geral da União, talvez o maior escritório de advogados do mundo, deve-se a Gilmar sua estrutura e sua importância, mas sempre lembrando das suas origens, no sentido de Carlos Drumond de Andrade – "quando vim da minha terra, não vim, perdi-me no espaço, na ilusão de ter saído." Gilmar veio e ficou com sua contribuição literária no seu clássico livro sobre o controle da constitucionalidade, agora em 2ª edição, e no seu afamado Curso de Direito Constitucional, que obteve o Prêmio Jabuti, em 2008, e seu espetacular estudo sobre o Parque Nacional do Xingu, que vale como um trabalho clássico. Exerceu a complexa e difícil arte da tradução.

As portas acadêmicas se abriram, no Rio de Janeiro na Academia Brasileira de Letras Jurídicas, em São Paulo na Academia Internacional de Direito e Economia, e na Academia Mato-grossense de Letras.

Gilmar Ferreira Mendes é o nome adequado para a Cadeira nº 1 desta Academia Brasiliense de Letras, porque afirmou-se como o filho adotivo de Brasília de maior expressão social, política e profissional.

Esta Cadeira nº 1 está no centro jurídico. Seu patrono, Alberto Torres, foi Ministro do Supremo Tribunal em 1901, com 36 anos de idade. Hermes Lima, seu fundador, grande mestre de Direito, catedrático de Introdução à Ciência do Direito na Faculdade Nacional de Direito, Ministro do Supremo Tribunal; Marcus Villaça, Professor da Faculdade de Direito do Recife. É uma cadeira de escritores juristas.

Afinal, a Academia Brasileira de Letras surgiu, em 1896, no escritório de advocacia de Rodrigo Octávio, um dos seus fundadores, e mais juristas, Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua, Sílvio Romero.

Gilmar, desde cedo, conheceu o ritmo e a função do Supremo Tribunal, desde estudante, procurador, Advogado Geral da União, e Ministro, para sentir como pulsa aquela instituição, nem sempre no agrado do público em geral, ou especializado, e em especial do poder público quando há decisão contrária. Como conhecedor de história do Supremo, viu essas reações de longe, com Floriano nomeando um general e um médico para o Supremo. Nas aposentadorias de cinco ministros em 1931, na redução da idade em 1937, no aumento do número de ministros em 1965, na aposentadoria compulsória de três ministros, em 1969. Tudo isso, a história revelou forte impacto em condenação, até hoje, mas a opinião pública sempre esteve ao lado da Corte. Esses fatos vieram para a obra de Gilmar como acadêmico, escritor e intérprete, como em seu recente pronunciamento, em Buenos Aires, sobre jurisdição constitucional da liberdade para a liberdade.

Certamente, seu antecessor Marcos Vinicios Vilaça, no céu, na contemplação do Rio Capiberibe, diz – como fui bem sucedido, por José Roberto de Castro Neves, na Academia Brasileira de Letras, e por Gilmar Ferreira Mendes, na Academia Brasiliense de Letras. Vilaça está certo.

DISCURSO DE POSSE
GILMAR FERREIRA MENDES

Sr. Presidente da Academia Brasiliense de Letras, Acadêmico Fabio de Sousa Coutinho;

Sras. e srs. Acadêmicos, agora Confrades, aos quais cumprimento nas pessoas do Ex-Presidente José Sarney – que muito me honra com sua presença – e do meu estimado amigo Roberto Rosas – a quem também agradeço pelas gentis palavras e pelo apoio e incentivo à minha entrada nesta insigne Casa;

Senhoras e senhores,

Em 1974, jovem sedento por penetrar as veredas do Direito, vindo de Diamantino, Mato Grosso, aportava eu na cidade idealizada e construída por JK – mineiro de Diamantina – **para nela construir a minha vida**. É com inexprimível alegria que, na noite de hoje, 50 anos depois, e já não tão jovem, recebo a honra de ingressar na Academia Brasiliense de Letras, a mais antiga e prestigiada instituição intelectual da cidade que me acolheu, sob seu céu oceânico, quando eu me lançava no oceano da vida, em direção ao horizonte do saber.

Logo em 1975, tornei-me estudante da Universidade de Brasília, e, admitido em 1976 aos quadros do Itamaraty como Oficial de Chancelaria – cargo que exerci até 1984 –, dividia meus dias entre a burocracia estatal e as salas de aula da Fa-

culdade de Direito. Naqueles anos de chumbo, com a curiosidade de um jovem que está descobrindo o mundo, eu formava não apenas a minha bagagem jurídica, mas também minha bagagem pessoal e cívica, ao sorver, com avidez, tudo que a vivência acadêmica tem para oferecer.

Em 1978 bacharei-me em Direito, e em 1979, fui mandado a Bonn, na Alemanha, a serviço do Itamaraty. Em 1982 retornei ao Brasil, e, na sequência, aos bancos da UnB para cursar o Mestrado em Direito e Estado, sob a orientação do Ministro José Carlos Moreira Alves, figura que moldaria profundamente minha compreensão do Direito Constitucional.

Em 1988 retornei à Alemanha para cursar o mestrado e o doutorado na Universidade de Münster – RFA, sob a orientação do Professor Hans-Uwe Erichsen, Reitor da Universidade. Em 1990 regressei ao Brasil, e em 1995 retornei aos bancos da UnB, agora como professor. Por quase três décadas, tive o privilégio de formar gerações de juristas, compartilhando não apenas conhecimento, mas também os valores que aprendi a cultivar: sobretudo o compromisso com a democracia e a coragem para defender nossas instituições.

Com esse mesmo propósito, em 1998, junto a ilustres colegas, fundei o IDP – inicialmente como Instituto Brasiliense de Direito Público –, fruto do sonho de educar, de compartilhar, de formar novas gerações de intelectuais engajados. Hoje, o Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa transformou-se em uma das instituições de ensino mais renomadas do país, cuja excelência é reconhecida internacionalmente.

Paralelamente às atividades acadêmicas, após minha passagem pelo Ministério de Relações Exteriores galguei diversos cargos da República: Procurador da República (1985-1988); Adjunto da Subsecretaria Geral da Presidência da República (1990-1991); Consultor-Jurídico da Secretaria Geral da Presidência da República (1991-1992); Assessor Técnico na Relatoria da Revisão Constitucional na Câmara dos Deputados (1993-1994); Assessor Técnico do Ministério da Justiça na gestão do Ministro Nelson Jobim (1995-1996); Subchefe para Assuntos Jurídicos da Casa Civil (1996-2000); e Advogado-Geral da União (2000-2002). Em todos esses cargos pude testemunhar e participar dos momentos cruciais de nossa jovem democracia.

Minha posse no Supremo Tribunal Federal, por indicação do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, em substituição ao Ministro Néri da Silveira, ocorreu 2002. Ainda hoje, quando admiro aquela obra-prima de Niemeyer, recordo-me daquele jovem de Diamantino, recém-chegado em Brasília, contemplando pela primeira vez, 50 anos atrás, o palácio que tornar-se-ia sua segunda casa.

Pois bem, após essa longa caminhada, sendo já membro da Academia Mato-Grossense de Letras e da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, em ambas ocupando a Cadeira 28, ao tomar posse na Cadeira 1 desta distinta Casa sinto apertarem ainda mais os laços que o destino atou entre mim e Brasília.

Aqui me formei intelectualmente; aqui fiz grandes amizades que até hoje me acompanham; aqui trilhei minha car-

reira, que me conduziu à mais alta corte do país; aqui constituí minha família e tive meus maiores tesouros – Laura e Francisco; aqui eles cresceram e me deram meus amados netos; aqui nasceu e se projetou o IDP; e aqui, hoje, **laureando minha trajetória em Brasília, tenho a honra de ingressar em sua mais festejada Academia, sucedendo na Cadeira 1 os ilustres Marcos Vilaça e Hermes Lima.**

Seu patrono, Alberto Torres, advogado, jornalista, político e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, foi um intelectual que se dedicou a estudar a organização social brasileira e os grandes problemas nacionais.

Seu primeiro ocupante, Hermes Lima, foi Primeiro-Ministro entre 1962 e 1963, durante o período parlamentarista da República, no governo Jango. Foi também ministro do STF, e, árduo defensor do Estado de Direito, foi aposentado compulsoriamente com o AI-5. Além da Cadeira 1 da Academia Brasiliense de Letras, da qual foi o primeiro presidente, ocupou a Cadeira 7 da ABL.

Marcos Vilaça, meu antecessor imediato, foi um brasileiro que soube ligar, com rara harmonia, o serviço público à vida das letras. Nascido a 30 de junho de 1939, em Nazaré da Mata, Pernambuco, ele foi um intelectual fascinante, grande pensador e promotor da cultura brasileira. Além da Cadeira 1 da Academia Brasiliense de Letras, ocupou a Cadeira 35 da Academia Pernambucana de Letras e a Cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras, tendo-a presido entre 2006 e 2007 e entre 2010 e 2011.

Vilaça foi professor de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito do Recife por três décadas, jornalista talentoso e ensaísta de mão cheia. Escreveu livros que são, ao mesmo tempo, retratos amplos do país e relatos minuciosos de um observador atento: "Coronel, Coronéis", "O Menino Gilberto Freyre", "Recife azul, líquido do céu", "O Coronelismo no Nordeste Brasileiro", "Livro dos Prefácios" e tantos outros. Quem percorre suas páginas reconhece a marca de um autor que **não tinha medo de cruzar fronteiras entre história, sociologia, política e literatura** – o mesmo espírito que o levou, muito jovem, das redações e do magistério aos altos postos da cultura e do serviço público.

Com uma extensa e intensa vida pública, Marcos Vilaça foi ministro do Tribunal de Contas da União por mais de duas décadas, tendo presidido o órgão entre 1995 e 1996. Antes disso, havia sido Chefe da Casa Civil de Pernambuco, Secretário de Estado, presidente da Funarte e do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Secretário Particular para Assuntos Especiais do Presidente José Sarney, em 1985. Sobre Vilaça, afirmou seu ex-chefe e futuro companheiro de ABL e de ABrL: *"Vilaça é uma das maiores inteligências que conheci. Mas sua personalidade, seu jeito de ser, sua verve sempre buliçosa, sua dedicação aos amigos, sua presença em todas as horas, sua capacidade de trabalho e de administrar o tempo, o fazem inconfundível e raro. É um amigo destes em que a amizade é coisa de sublimação. Talento e formosura, é uma valsa de Catulo e uma missa de Bach."*

Sergio Paulo Rouanet sobre ele disse: "É um dos homens mais inteligentes que tive o privilégio de conhecer, e do mais fino estilo literário". Ariano Suassuna, por sua vez, o descreveu como "*dotado de extrema cordialidade*", cordialidade essa "*informada por uma grande generosidade pessoal*". E José Murilo de Carvalho reconheceu que "*nem mesmo a exaltação do seu pernambucanismo foi obstáculo ao bom relacionamento com um mineiro*".

Como visto, Vilaça não era só um homem de livros, cargos e títulos: era um homem de amigos, dos quais sempre estava rodeado, com seu humor fino e conversa agradável. Partiu no Recife, em 29 de março de 2025, aos 85 anos, deixando uma obra plural e um exemplo de integridade pública, pessoal e intelectual.

Ao tomar posse na cadeira que já foi ocupada por tão distintos membros, **todos, assim como o próprio patrono, juristas de formação e homens devotados à vida pública**, assumo um legado de serviço e dedicação à cultura e ao povo brasileiros por meio da pena do Direito.

A presença de juristas nas Academias de Letras do país é uma tradição antiga, que atesta a profunda influência do chamado *bacharelismo* no cânone intelectual brasileiro, decisiva também para a consolidação da cultura cívica e constitucional do nosso país.

Com efeito, a palavra sempre foi uma arma poderosa na construção da nação, e **ninguém a empunhou com tanta maestria quanto Rui Barbosa** – não coincidentemente um dos fundadores da ABL, da qual foi Presidente, entre 1908 e

1919, após a morte de Machado de Assis. Ele personifica o arquétipo do jurista-intelectual, e fez da eloquência um instrumento para moldar o futuro do país. Ele se ensoberbava, em suas palavras, "*do valor da inteligência, do valor da razão, do valor da palavra humana, cuja realeza, nas democracias de hoje, não tem que invejar aos soberanos coroados nem a independência do seu Estado, nem a eficiência do seu poder, nem a resplandecência da sua vida.*"

Com sua oratória, Rui Barbosa forjou uma cultura de civismo e respeito à ordem jurídica que se tornou um pilar para as elites intelectuais brasileiras. Rudolf von Jhering escreveu que "*a luta pelo Direito é a poesia do caráter*". A luta travada por Rui contra a violência e o arbítrio para fazer, em suas célebres palavras, "*a força do direito superar o direito da força*", adornou com a poesia da razão e da liberdade o caráter nacional e inaugurou uma tradição jurídico-intelectual que chega até os dias atuais – e na qual eu busco me inspirar. -

Portanto, o **avanço da cultura sobre a natureza bruta, em todos os âmbitos, é a tônica da experiência humana. E a palavra é o grande marco dessa caminhada do homem no mundo.** Novamente, Rui: "*O verbo de Deus, antes de registrado nas Sagradas Escrituras, o juramento na sagração dos soberanos, na promulgação das constituições, na investidura das dignidades, no depoimento das testemunhas, a poesia homérica no canto dos* aedos*, a tradição na memória das gentes, a eloqüência na voz dos tribunos – tudo é palavra – a palavra cujo* fiat*, no Gênesis, criou o mundo, e cuja vibração, na História, transforma e revoluciona o universo.*"

De fato, a palavra não é apenas veículo do mundo, mas origem. O Evangelho de João, com profunda sabedoria, já inicia enunciando: "*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*" (João 1:1). O Verbo criador e ordenador do mundo natural é o mesmo Verbo criador e ordenador do mundo humano. O cosmos físico e o cosmos social se fundam na palavra que dá forma, limite, proporção. O *logos* primordial, portanto, sustenta tanto a revelação religiosa quanto a ordem jurídica. Não é coincidência que a hermenêutica bíblica – o esforço sistemático de compreender os textos sagrados –, com Schleiermacher, é que tenha aberto o caminho para hermenêutica jurídica – a ciência da interpretação das leis humanas, do *nomos*.

Mas o *nomos* é a fixação, em signos – tal como hoje as democracias constitucionais compreendem –, não da vontade divina, mas da vontade coletiva, do *ethos* de um povo; é o pacto social transformado em texto. Com efeito *ethos*, em grego tinha originalmente o sentido de casa, de morada. Numa profunda intuição do gênio grego, o termo, posteriormente traduzido como *costumes*, foi utilizado para designar esse espaço que o homem cria em sua existência coletiva e no qual se sente acolhido. Os traços de sua arquitetura são as normas, valores, virtudes e hábitos por ele criados livremente, em contraposição, portanto, ao reino da necessidade, da *physis*. **O homem existe, portanto, no direito.**

Assim como existe na linguagem. Heidegger dizia que "*a linguagem é a casa do ser*". E Fernando Pessoa, que *sua pátria era a língua a portuguesa*. **O homem existe na linguagem**

e no direito. Esse usa a palavra – a mesma matéria-prima dos poetas e dos romancistas – para dar estabilidade, sentido e norte à ordem social. **A Constituição é, nesse sentido, uma poesia normativa, uma narrativa fundadora, que nos permite viver juntos sob parâmetros compartilhados e estáveis de justiça**. Não é exagero dizer que o maior produto do ser coletivo de um povo é a sua Constituição.

Ao mesmo tempo, como enfatizaram Kelsen e Konrad Hesse, ela é mais que apenas o retrato de um ser: é também a projeção de um dever ser. A Constituição não apenas descreve: ela prescreve. Não apenas reflete: também convoca. Trata-se de um texto vivo, que dialoga com as experiências do passado, mas se projeta sobre o futuro. Sua letra guarda a memória, mas seu espírito é promessa. E nesse trabalho de atualizar promessas, o intérprete constitucional não é mero executor, mas criador – não no sentido arbitrário, mas no sentido de dar forma concreta àquilo que já existe em potência abstrata.

A Constituição é a grande obra de arte coletiva de um povo, que precisa ser continuamente interpretada, atualizada, vivificada. Por isso, a hermenêutica jurídica e constitucional é uma hermenêutica cultural: interpretar as leis e a Constituição é interpretar a sociedade, compreender seu espírito, suas tensões e seus sonhos. **E o intérprete, pela exigência de se abrir à vida, precisa exercer o mesmo ofício do artista, de captar o espírito de sua época**. Enquanto esse registra em símbolos e metáforas aquilo que nela intui, aquele processa seu sentido, movendo-se entre o ser e o de-

ver ser; entre a realidade concreta e o horizonte normativo.

Senhoras e senhores, neste ponto em que toco o tema da hermenêutica constitucional, presto uma **homenagem à memória de Peter Häberle – o Constitucionalista Universal.** Trata-se de um dos mais influentes e singulares juristas da nossa era, **de quem fui discípulo e amigo**, e que nos deixou nesta segunda-feira, 6 de outubro, aos 91 anos.

O trabalho do Professor Häberle **marcou profundamente a doutrina constitucional brasileira – na qual me incluo** –, e em homenagem a ele o IDP mantém, desde 2011, o **Centro de Pesquisas Peter Häberle**, precisamente com o objetivo de difundir o seu **legado fortemente humanista, pacifista e universalista.**

Destaco, em 2024, a publicação em espanhol de seu "Libro constitucional, de lectura y de la vida latinoamericano", em que reafirmou sua **atenção constante ao Brasil e à América Latina, regiões com as quais manteve um diálogo intelectual intenso e generoso.** A obra contou com apresentação de minha autoria e epílogo do professor argentino Raúl Gustavo Ferreyra.

Sua contribuição mais seminal está exposta na obra ***Hermenêutica Constitucional: A Sociedade Aberta dos Intérpretes da Constituição***, que traduzi para o português. Ele rompeu com o formalismo fechado da interpretação jurídica ao propor que a **construção do sentido da Constituição é um processo plural, democrático e inclusivo, que se estende para além do círculo de juristas.**

Sua visão da Constituição como uma "obra viva" que se nutre da participação ativa da sociedade, e cuja defesa compete não apenas às Cortes Constitucionais, mas a todos nós, nos lembra que **a democracia não é um dado, mas uma conquista; que a liberdade não é herança garantida, mas tarefa diária; e que os direitos fundamentais não são dádivas, mas compromissos.**

Uma das mais nobres missões desta Academia está, conforme seu estatuto, em **"*contribuir [...] para a elevação do nível cultural do povo brasileiro*"**. E isso inclui, com grande ênfase, **a cultura constitucional, cívica, democrática, sem o que não há democracia.** Em tempos de desinformação, *fake news* e bolhas informacionais esse chamado torna-se ainda mais urgente.

Caríssimos confrades, há uma **profunda interdependência entre democracia, liberdade e cultura**. Não há democracia verdadeira sem liberdade de expressão, sem pluralidade de vozes, sem espaço para o dissenso e para a criação artística. Não há liberdade e democracia plenas sem cultura, porque só a cultura nos oferece os instrumentos para compreender o mundo e exercer nossa autonomia. E não há cultura viva sem democracia, porque ela precisa de um terreno fértil e arejado – um ambiente de liberdade, portanto – para florescer. **Preservar esses valores, que se apoiam mutuamente, é condição *sine qua non* para a manutenção de uma sociedade criativa, tolerante, plural, humana, e, assim, de um Estado Democrático de Direito.**

Direito e Estado vivem da palavra que ordena, mas também da palavra que dialoga, que convence, que constrói. Em uma era de fugacidade, na qual o direito é cada vez mais reduzido à tecnicidade, à instrumentalidade, à compartimentação ultraespecializada e à autonomização em relação às humanidades, é nosso dever buscar reancorá-lo no terreno da linguagem, da cultura e das artes, cujo lastro é essencial para que ele seja verdadeiramente justo e emancipador. As letras não são apenas ornamento, nem instrumento; elas são fundamento da vida coletiva.

Senhoras e senhores, ao ingressar nesta Casa, assumo o compromisso de honrar a memória de Alberto Torres, Hermes Lima e Marcos Vilaça, todos grandes intelectuais e homens públicos, bem como de todos que por aqui passaram, **e de contribuir para que esta Academia continue sendo – nesta cidade que nasceu para ser símbolo da democracia brasileira – um espaço de resistência intelectual, de pensamento livre, de defesa da democracia e de cultivo da palavra como instrumento de cidadania, justiça e liberdade.**

Muito obrigado.

ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

Quadro Acadêmico e Patronos

Gilmar Ferreira Mendes
Cadeira I (Alberto Torres)

Max Telesca
Cadeira II (Antônio de Alcântara Machado)

Lucília de Almeida Neves Delgado
Cadeira III (João Ribeiro)

Alberto Bresciani
Cadeira IV (Eduardo Prado)

Maria Elizabeth Rocha
Cadeira V (Euclides da Cunha)

Danilo Gomes
Cadeira VI (Tomás Antônio Gonzaga)

Rossini Corrêa
Cadeira VII (Joaquim Nabuco)

Luiz Gutemberg
Cadeira VIII (José Lins do Rego)

José Carlos Brandi Aleixo
Cadeira IX (Augusto dos Anjos)

Roberto Rosas
Cadeira X (Da Costa e Silva)

Carlos Henrique Cardim
Cadeira XI (Farias Brito)

Adirson Vasconcelos
Cadeira XII (Vicente de Carvalho)

Cristovam Buarque
Cadeira XIII (Manuel Antônio de Almeida)

Napoleão Valadares
Cadeira XIV (Artur Azevedo)

Arnaldo Godoy
Cadeira XV (Machado de Assis)

Paulo Castelo Branco
Cadeira XVI (Gonçalves Dias)

Ana Maria Lopes
Cadeira XVII (José de Alencar)

Ronaldo Costa Fernandes
Cadeira XVIII (Cláudio Manuel da Costa)

Fabio de Sousa Coutinho
Cadeira XIX (Castro Alves)

Hugo Napoleão
Cadeira XX (Sílvio Romero)

Afonso Ligório
Cadeira XXI (Rui Barbosa)

José Sarney
Cadeira XXII (Simões Lopes Neto)

Thiago Aguiar de Pádua
Cadeira XXIII (Aluísio Azevedo)

Edmílson Caminha
Cadeira XXIV (José Veríssimo)

Tania Rebelo Costa Serra
Cadeira XXV (Graça Aranha)

João Carlos Taveira
Cadeira XXVI (Cruz e Sousa)

Ronaldo Costa Couto
Cadeira XXVII (Raul Pompéia)

Raul de Taunay
Cadeira XXVIII (Olavo Bilac)

Alaor Barbosa
Cadeira XXIX (Hugo de Carvalho Ramos)

Valdir de Aquino Ximenes
Cadeira XXX (Monteiro Lobato)

Gilmar Duarte Rocha
Cadeira XXXI (Graciliano Ramos)

Carlos Ayres Britto
Cadeira XXXII (Mário de Andrade)

Dom Raymundo Damasceno Assis
Cadeira XXXIII (Jorge de Lima)

Anderson Braga Horta
Cadeira XXXIV (Álvares de Azevedo)

Marcus Vinícius Furtado Coelho
Cadeira XXXV (Coelho Neto)

José Alberto Couto Maciel
Cadeira XXXVI (Joaquim Manuel de Macedo)

Margarida Patriota
Cadeira XXXVII (Raimundo Corrêa)

Vera Lúcia de Oliveira
Cadeira XXXVIII (Raul de Leoni)

Heitor Martins
Cadeira XXXIX (Martins Pena)

Victor Alegria
Cadeira XL (Afonso Arinos)